

# escolas esparças

---

andré rossi canals



“Saiu de casa com espírito ousado. Hoje iria mais longe, pensou. Tinha um livro miúdo nas mãos, andava agora pela rua vazia dirigindo-se à escola. Era curioso, pensador, desejava sempre mais cultura. Um incômodo para os professores, diziam. Demonstrava certa angústia, que era própria dos adultos, alma desafiadora.

Deividi lia muito, estudava mais que seus colegas e que os meninos da sua idade. Propriamente não se chegava com aqueles jogadores de futebol. Era das letras e dos cálculos.

— Hoje vou pegar um livro mais grosso — pensou ele, entrando na biblioteca. Percorreu as estantes abarrotadas das obras recentes até as mais clássicas. Fixou os olhos em *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, e dirigiu-se para a mesa da bibliotecária.”

*trecho do conto  
o pequeno leitor*

*Um agradecimento especial  
pelo apoio do 7º Núcleo  
do CPERS de Passo Fundo.*

escolas  
esparças

---

andré rossi canals



Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Contos. -Passo Fundo: Ed Berthier, Aldeia Sul, 2014. 96p.; il.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Editoração: Ivaldino Tasca e Marina de Campos

Projeto gráfico, diagramação e concepção de capa: Marina de Campos

Foto de capa: Fabiana Beltrami

Consultoria geral: Janaína Tasca Mendes

C212e Canals, André Rossi

Escolas esparsas [recurso eletrônico] / André Rossi Canals. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2015.

11 Kb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-144-5

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros, I. Título.

CDU: 869.0(81)34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

“O mundo nunca careceu de pessoas com vontade de ensinar, mas sim de pessoas com vontade de aprender.”

*osho*

“Daí o tom de raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo.”

*paulo freire*

“Quem educa o educador?”

*Karl marx*

Para *Jara e Itamar*, queridos irmãos,  
desde a década de 1960,  
compartilhando a existência.

Para *Gabryel*, amado filho,  
pequeno-grande ser humano,  
protagonista de menores-grandes  
atos de um coração imenso.

A *Camila, Rafael, Rodrigo*,  
queridos enteados, porém filhos,  
inclusive amigos  
de todos os momentos desta vida.

À professora e poetisa *Elita Treviso*,  
um agradecimento especial  
pelas críticas e sugestões.

*e a todos aqueles que  
saem às ruas  
na luta por uma escola  
que seja um espaço  
nao esparso, mas sim unificado.*



## *para ana clélia*

Numa tarde ensolarada, vejo uma mulher e seu sorriso esplêndido. Paro totalmente: nunca tinha visto algo tão belo. A grama da praça renascera naquele momento, as árvores já iriam derramar seus botões e florescer. Na verdade, minha vida pequena, a partir daquele momento, teria lances de uma vida de assomos de felicidade. Permanentes. Dias vindouros seriam mais longos, preenchidos de aventuras e descobrimentos daquilo que todo homem sonha em viver. Descobrimientos sobre uma mulher ímpar, vívida, guerreira, batalhadora, mãe. Mulher amorosa repleta de ternura. Porém, o mais importante foi o que tive de belas surpresas: a cada dia que conhecia mais um bocado seu, tinha a certeza de que iria desvendar mais. E ainda, o caminho a percorrer a seu lado seriam longos meandros. Enfim, unimo-nos e passamos a compartilhar todos os momentos da existência.



# sumário das letras esparsas

**CONTOS INICIAIS - 11**

Ilusões perdidas - 31

Leveza - 91

Resiliência - 65

**DIÁLOGO CAPITAL - 21**

**Uma aula diferente - 61**

**O velho dos cadernos - 71**

**A LIBERDADE, A LUZ E A SOMBRA - 15**

A dúvida - 43

As pernas de Renata - 67

**O mestre das vassouras - 81**

**O PEQUENO LEITOR - 29**

Arco-íris - 57

**Doriana - 25**

Janela do mundo - 51

**GABRYEL - 37**

**SOCORRO - 77**

**Maestria - 13**

Direito - 63

Ser apolítico - 87

**Contos esparsos - 95**



## *Contos iniciais*

Na verdade estes contos esparsos são histórias baseadas em memórias de estudos e trabalhos na escola. Algumas têm essa base, outras são criações. Sobretudo, são impressões da triste realidade em que vivem a juventude e o professor.

Juventude e mestre. Não é nada fácil falar desses, ou ainda, escrever pequenas narrativas de uma geração tão leve e ativa. Principalmente quando o autor convive diariamente com isso.

Talvez por isso seja tão difícil escrever sobre o jovem estudante. Ou melhor, iniciar a escrita não sabendo como principiar e, depois, não fazer o acabamento com ideias de finalização. Talvez eu não tenha a capacidade de realizar uma boa leitura da riqueza que eles possuem.

Uma coisa é certa: não tive a pretensão de que estes contos breves chegassem próximos do nível dos Contos Plausíveis, de Carlos Drummond.

Porém, liberto estes escritos aos leitores, principalmente àqueles que defendem a escola e, sobretudo, a alma de ser estudante e aprendiz.



$M_n = 10$   
 $7 - 4a$   
 $< -2 \Rightarrow 2a > \frac{7}{2}$   
 $\Rightarrow a > \frac{7}{4}$   
 $7 - 9a^2 < -1$   
 $|h| > 1, |h_n^s| = |h|$   
 $N \rightarrow \infty, T \rightarrow 0$   
 $u_{x,y}^n(x,y) + u_{x,y}^n(x,y)$   
 $u(1,0) = u(1,y)$

1

$3 + 4 = 7$



# MAESTRIA

SINFONIA ENCERRADA  
 SINFONIA ENCERRADA  
 SINFONIA ENCERRADA  
 SINFONIA ENCERRADA  
 SINFONIA ENCERRADA



O dia estava nublado, mais escuro que outros dias, muitas nuvens soberbas encobriam o céu bloqueando-o, mas a luz teimava em brilhar. Talvez por isso Carlos Augusto caminhasse para a escola sem vontade. Cabisbaixo, como se estivesse carregando uma cruz nas ruas da penitência; seus passos arrastavam-se. Deveras, sua mente estava anuviada como aquele dia, repleta de pensamentos esparsos, principalmente do passado: conversas e discussões sem utilidade alguma nas reuniões pedagógicas.

A mente humana lembra um céu descolorido: dúvidas, confusões. Os pensamentos leves seriam um céu azulado, trazendo um dia ensolarado, lindo, límpido. Esse professor dava seus passos roboticamente. Sua cabeça estava pesada. Gostaria de se tornar mais participativo em todas as reuniões escolares. Entretanto não era ouvido, ninguém enxergava com olhos lívidos aquela realidade aberta, ali, prestes a ser descoberta. A direção da escola, cega; a coordenação pedagógica, teórica, mas não pedagógica. “A direção não dirige, a coordenação não coordena”, pensava o professor. E o estudante? Esperando, sempre esperando. Aquela escola era morta, sem ânimo algum, como se as portas do cemitério estivessem eternamente abertas, e as do paraíso, lacradas.

Tudo isso perpassava a alma de Carlos Augusto até chegar ao portão da escola. Sentindo-se pesado, tomou assento junto à grande mesa da sala dos professores. Tanta conversa, assuntos debatidos, porém a conclusão nunca se tornava presente, era inexistente.

Sinfonia encerrada.



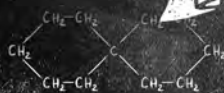
“Essa palavra significa sem luz,  
apagado, coisa sombria. Não sou assim,  
tenho muita inteligência.”

# A LIBERDADE

## a luz e a SOMBRA



### CAPITULO 2



Mariano era um professor jovem ainda, trinta anos. Há pouco terminara a faculdade e a especialização, talvez por isso soubesse responder a todas as inquirições dos alunos, sem muitas vacilações. Era solitário numa casa nos arredores da escola. Tinha também outro labor: uma escola diferente à tarde. Pela noite sobrava um tempinho para leitura, organização do lar silencioso, preparação de aulas e burocracias de escola. Considerava o caderno escolar uma grande besteira, “a piizada não dá bola para isso”. Meditava e, quando isso acontecia, alimentava cada vez mais essa ideia: esses papéis não melhoram em nada a didática do professor, nem a aprendizagem do aluno.

Nascera em Passo Fundo mesmo, os pais já haviam falecido, sobraram dois irmãos, mas estes moravam em Porto Alegre. Vivía de forma solitária, com poucos amigos, pois como já imaginava o magistério era um espaço de se fazer poucos companheiros. Uns eram casados, viviam com a sua família, e os solteiros, incluindo aqueles que não faziam alguma pós-graduação, trabalhavam sessenta horas por semana. No final dela não tinham tempo nem disposição para nada, nem mesmo um bate-papo qualquer.

Então empurrava a vida entre suas aulas, a casa e os livros.

O sábado estava bonito, o sol jorrava sua cauda brilhante de cor aurífera sobre a manhã. Foi à escola, havia combinado com um aluno. Saiu de casa sem a pasta velha, apenas um calção lhe cobria as pernas. Havia pensado um pouco sobre o menino, e antes da conversa propriamente dita, tinha decidido lhe inquirir sobre a sua situação:

— Como é o teu nome mesmo?

— Eu já tinha te dito pra me chamar de Aluno!

— Mas não existe nenhuma pessoa com o nome de Aluno.

— Tem uma na tua frente agora, sou um exemplo, tenho só sete anos mas já sei ler e escrever, e tô iniciando a escola. Você pode nunca ter visto isso antes, mas é assim mesmo. Sou um modelo de estudante que não existe em nenhuma

outra escola.

— Eu não acredito nisso que está falando, mas achei interessante a nossa conversa do outro dia e resolvi dar prosseguimento. Tendo em vista que não quer dizer o teu nome, eu também não vou falar o meu, pode me chamar de Professor, é isso mesmo, chame-me de Professor. Sobre o que mesmo era o nosso papo?

Mariano o interrogou e notou que o guri havia se acalmado por um instante. Era uma situação inusitada e chegou a achar que não conseguiria contorná-la.

— Era sobre liberdade que eu tinha te perguntado — respondeu o menino, agora em um tom mais baixo.

— É mesmo, estávamos falando que na escola de hoje não existe liberdade. Essa palavra tem um significado que diz do autogoverno, de se governar por si próprio, é a autodeterminação de uma instituição ou de um indivíduo. Mas já que estávamos falando da escola, temos que nos referir à instituição escola. Ela tem as suas leis, que é o que chamamos de regimento, ela tem os planos de ensino, nos quais estão os conteúdos que os professores ensinam durante o ano, e a sua direção, que resolve os problemas que aparecem na escola. Mas mesmo tendo tudo isso, a escola ainda não é livre.

O professor falava e imaginava se não estaria utilizando uma linguagem muito fina para o Aluno. Observou que ele prestava atenção com afinco. Porém prosseguiu:

— Ela não é livre porque tem de obedecer a um órgão superior a ela, a prefeitura, ou o estado a que pertence, ou seja, ao governo e, por conseguinte, à direção da escola está subordinada a estes órgãos superiores. Vou explicar melhor: o regimento escolar é o documento onde estão escritas todas as atribuições das pessoas que trabalham na escola e as atribuições dos alunos. Todas as decisões da direção da escola, dos professores e funcionários estão regidas por este documento. Entretanto, quando da elaboração do mesmo, ele tem de estar de acordo com a lei estadual de educação, que está de acordo com a lei de diretrizes e bases da educação, chamada LDB,

uma lei federal. O plano de ensino dos professores, no qual está o que eles podem ensinar para os seus alunos, tem de estar em consonância com os planos curriculares nacionais, os PCNs, os quais têm uma lista de conteúdos mínimos, de base nacional que não podem faltar na escola. Enfim, a escola é obrigada a ensinar Português, Matemática, Geografia, História e Ciências, matérias básicas conforme a lei nacional. Pode ainda acrescentar os temas transversais, que são outros assuntos de interesse do país. Pode ser educação ambiental, orientação sexual, pluralidade cultural, ética e saúde. Mas estes podem ser em forma de projeto, sem a necessidade de ser ministrados como matéria.

Mariano começou a cansar de tanto falar, parecia que estava tagarelando à toa. Aluno apenas ouvindo, não esboçando qualquer sinal de irritação ou fadiga. Olhou ao redor e notou que não havia água na bombona no canto da sala. Não tinha outro jeito, devia continuar, pensou, já se arrependendo de ter marcado o encontro.

— Isto é muito sério, Aluno. A escola não fica com vida própria, o governo limita até o que se ensina. Eu, por exemplo, gostaria de poder ensinar outros assuntos em sala de aula. Vou mais adiante, tem muita porcaria nos livros didáticos – que é outro problema que a escola tem de resolver – e que é pressionada a incorporar nos seus planos. Nós somos marionetes do governo e do livro didático, que o aluno tem direito de receber e utilizar a seu bel prazer. Assim, ficamos sem liberdade. Vou tocar num assunto muito sério para poder ilustrar melhor este problema: a escola pode colocar artigos no regimento sobre o comportamento do aluno, mas não pode redigir punições porque não é aprovado. Penso que alguma coisa poderia ser feita para que não tivéssemos dissabores com os alunos mais violentos e com sérios problemas disciplinares.

— Mas não é o professor quem decide o rumo da sua aula? Como ele pode ter problemas com alunos que não querem estudar? — indagou o menino.

— Boa pergunta. Mas se estamos vendo que a escola

não tem liberdade, isto se reflete em sala de aula. Há uma campanha para que os regimentos sejam elaborados em conjunto com a comunidade, assim tudo tem de ser decidido em reuniões e assembleias de pais de alunos. Os pais, muitas vezes, não têm mais controle sobre seus filhos, dessa maneira, os filhos vêm à escola sem saber o valor de ter conhecimentos para a vida. Tudo está ligado, Aluno, e é uma questão de análise dialética, significando que uma coisa leva a outra. Os limites para aquele aluno-problema não constam nas linhas escritas do regimento, na verdade o regimento não é regimento, o pouco que existe do seu valor não é cumprido. Desse modo, em sala de aula aluno e professor ficam em atrito, gerando um conflito sem fim, o que pode desenvolver violência, assédio, bullying ou outro problema de natureza conflituosa. No meu âmago, há um sentido a tudo isso que indica que o centro de toda a confusão está na política. Quem faz as leis. São políticos que não são formados para isso e, ainda, são descomprometidos com a educação. Esses políticos hoje são um problema para a sociedade. Eles lutam pelo poder buscando um cargo, tentando convencer o eleitor, que é uma peça fundamental dentro da estrutura social. Quando chegam ao poder, não sabem administrar para o povo, no entanto foram eleitos para isso.

— Quando isto começou, professor?

— Penso eu que foi na Revolução Francesa, em 1789, aproximadamente. Até aquele momento os países eram governados por um sistema monárquico, quer dizer, cada um tinha o seu imperador que governava de forma hereditária. Seu filho, o futuro imperador, era preparado desde criança para no futuro suceder seu pai no governo. Então, na França, o povo reclamou mais poderes, pois até então os monarcas vinham governando de forma absoluta, concentrando todas as decisões, concentrando todo o dinheiro do país, todas as leis. E o povo empobrecendo totalmente. Mas a classe rica francesa deu um jeito de se manter no poder criando a república. Mudou a forma de governo, mas o dinheiro continuou nas mesmas

mãos, dando uma falsa ideia de liberdade ao povo.

— Mas então não há o que se possa fazer? — indignou-se Aluno.

— Aluno, sempre há o que fazer. E a maior parte cabe a vocês. Nós, professores, estamos encurralados, sem liberdade, mas você ainda pode...

— Tem um grande problema aí, seu mestre — interrompeu o menino embravecido. — Você nessa conversa sempre me chamou de Aluno. Coisa ridícula. Essa palavra significa sem luz, apagado, coisa sombria. Não sou assim, tenho muita inteligência. Mas por ter sido tratado desse jeito, irei embora da maneira que tu queres, sem luz.

Ao dizer isso, o menino evaporou. Nesse instante entra uma funcionária com material de limpeza nas mãos.

— Falando sozinho, professor?

$$\int_{-\infty}^{\infty} e^{-x^2} dx = \sqrt{\pi}$$

CAPITULO 8

$$f(x) = a_0 + a_1x + a_2x^2 + \dots + a_nx^n$$



$$x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$



$$R = \sum (x_i - \bar{x})(y_i - \bar{y})$$



diálogo

? +  = \$

CAPITAL



1+1=2  
3+4=7  $x^2$   
2+2=4 school  
 $x+y$  Yes  $\odot$   
No  $\rightarrow$

Sim, exatamente  
Por isso o mundo  
é tão miserável  
Quem realmente  
trabalha não  
recebe dinheiro



— Qual a aula de hoje?

— O sistema capitalista.

— O que é isso?

— Sistema que vivemos atualmente.

— Isso é lógico!

— Mas você tem a compreensão total do sistema de hoje?

— O senhor que é professor deve saber, mas eu não tenho conhecimento disso.

— Deveríamos todos ter o conhecimento de como as relações sociais se estabelecem, sobre a exploração que a classe burguesa impõe ao trabalhador, as crises econômicas e as guerras mundiais, etc.

— Não me disse nada.

— Não comeci a explicação ainda!

— O que está esperando?!

— Que você comece a escutar.

— Então...

— Todo sistema tem um centro e uma periferia. O centro é o elemento de atração, é aglutinador, e a periferia é o atraído e gravita ao redor do centro...

— E o que isso tem a ver com os dias de hoje? O que tem a ver comigo?

— Todos nós vivemos assim, as sociedades possuem isso; no mundo os países são assim: têm um centro e uma periferia. São os sistemas.

— E daí?

— Daí que você também pertence a este mundo. Mora num país que não é centro, mas periferia!

— Não entendo como ficamos assim.

— Tudo tem uma explicação histórica. Foi um processo contínuo de dominador e dominado, metrópole e colônia. O sistema capitalista teve um processo de construção baseado nesta contradição que, por sua vez, tem um mecanismo semelhante também no interior de cada país. Aliás, o ser humano é um ser histórico, tem consciência de tempo passado, tempo

presente e tempo futuro: é o único ser que possui essa condição.

— Continuo boiando!

— Para entender isso você tem de refletir a realidade que está vivendo agora. Precisa ligar com a tua vida...

— Vivo a vida como todo mundo vive.

— Nem todos vivem da mesma maneira, porque as sociedades têm duas classes sociais: a classe burguesa e a classe trabalhadora; ambas lutam entre si no que se chama luta de classes. Elas possuem interesses distintos: a burguesa existe desde o século XVI, quando na Europa os comerciantes iniciaram seu enriquecimento devido ao mercantilismo. A classe trabalhadora vive da venda de sua força, de sua energia para poder viver. Recebe o seu sustento após despender energia para realizar seu trabalho...

— Quer dizer, vende para o patrão sua força de trabalho!

— Isso mesmo, e nós fazemos parte dessa classe. Essa repartição social teve sua formação histórica com a construção do sistema. Esse sistema teve sua consolidação durante a industrialização europeia que, por sua vez, principiou no século XVIII. Então, todos os lugares do mundo vivem nesse processo: a busca desenfreada por um posto de trabalho, o homem migrando para buscar uma vida melhor, trabalhar, receber um salário e comprar o necessário para viver, para produzir sua vida. Enquanto a classe burguesa desfruta do lucro, é proprietária dos meios de produção e dos instrumentos de trabalho.

— Como a burguesia se apropriou de tudo?

— A burguesia teve uma formação já na Idade Média, durante o Feudalismo, quando a classe comerciante acumulou capital com as mercadorias vindas da Ásia. Mas isso não explica a sua acumulação; é do lucro que ela acumula capital. Mas qual a origem do lucro?

— Não sei.

— Eu vou explicar. Vou dar um exemplo claro, prático e lúcido, preste bem atenção. Vou pegar como exemplo o teu

tênis, muito bonito por sinal. O valor do teu tênis não foi dado pelo patrão, mas sim pelo operário da fábrica. Foi ele que transformou a matéria-prima em tênis. Trabalhou vários dias do mês, confeccionou vários tênis. Porém, no final do mês ele realizou uma produção num valor muito maior que o seu próprio salário. Em poucos dias de trabalho pagou o próprio salário em tempo de trabalho.

— E o valor dos outros dias de trabalho, para onde vai, professor?

— Para o bolso do patrão em forma de lucro.

— O lucro é assim, então?

— Sim, exatamente. Por isso o mundo é tão miserável.

Quem realmente trabalha não recebe dignamente. Os patrões se apropriam do tempo de trabalho do trabalhador.

— Como isso pode mudar, professor?

— O primeiro passo é ter compreensão do sistema, como ele funciona, como ele deixa o mundo desigual, como se explora a mão-de-obra, causando miséria, fome e violência.

— E depois?

— Depois é preciso se organizar como classe social.

A consciência se adquire colocando-se como sujeito de uma classe.

— E qual é a nossa?

— Se nós trabalhamos, o próprio nome diz!

— Ah!



Num sobressalto descobriu o rosto, sentou-se na cama, viu os raios solares entrarem através dos buracos da parede e levantou-se. Não achou os chinelos – também não ouviu os reclames da mãe para não andar descalça – e precipitou-se até a cozinha.

Viu a gata se lambendo e o cachorro dormindo no seu cobertor sujo. Falou algo carinhoso para os bichos procurando pão num cesto e a garrafa de leite. Inquiriu a mãe no seu jeito manhoso; percebendo uma resposta negativa, virou as costas e, saltitante, dirigiu-se à porta de madeira velha que levava até os fundos da casa. À sua frente vislumbrou uma bola de couro molhada e manchada de barro – havia chovido a noite toda – e ouviu:

— Não vá se sujar, filha! — falou a mãe, solitária, sentada numa cadeira de madeira e palha – a única da pequena casa. Entretanto, a menina jogou-se na cerejeira que cresceu no centro do pátio dos fundos. Subiu com tanta felicidade que até se esqueceu de sua fome.

Após meia hora de brincadeira, como se fosse um macaco, voltou até a cozinha e viu que a mãe continuava em sua solidude, cosendo uma calça da filha, com uma agulha e um velho dedal. Notando que a fome não estava incomodando ainda, sem direção norte-sul-leste-oeste, enxergou embaixo da mesa uns brinquedos e foi para a atividade costumeira. No local havia um osso de gado, maior que o outro, que era de galinha.

Eram os únicos brinquedos cotidianos: o maior arrastou no chão como se fosse um caminhão, e o pequeno, um automóvel. Não gostou da brincadeira, porque o chão apresentava uma madeira antiga com ranhuras; os ossos não deslizavam, igual às ruas tristes como estradas não asfaltadas.

— Mãe, quando for grande, vou comprar um carro pra mim.

— É, meu amor?

— Mas primeiro vou juntar prego e madeira para a nossa casa nova — falou isso e lembrou-se de conferir os pre-

gos. Foi em direção a um canto da cozinha, onde guardava o pequeno material dentro da caixa de papelão. “Tem oitenta e dois”, pensou.

A mãe descansou as mãos um pouco e mergulhou em suas lembranças rotineiras. O marido havia morrido atropelado pelo trem cargueiro que cruzava em frente do barraco. “Parece que foi vingança”, pensou; ele não tinha culpa pelos dormentes. Os vizinhos haviam retirado as madeiras para fazer comércio meses atrás. “Perder o marido dessa maneira estúpida”, meditava ela.

A menina largou os carros imaginários e começou a correr atrás do cachorro, que era de uma raça qualquer, magro e preto. Alcançou-o e o fez de cavalo agarrando-se no seu pelo. Sua voz imitava um relinchar. Após isso, correu atrás do gato, que zarpou para fora da casa. Não conseguindo atingir seu intento, foi até o quarto, tirou a roupa de dormir e vestiu uma camiseta e um calção com o consentimento da mãe. Voltou à cerejeira, brincou com os galhos, subiu mais alto. Minutos depois viu o horizonte, o trem vinha com sua carga diária. Pensou: é hoje. Desceu e, cuidando para não ser vista, agachou-se pegando o bodoque atrás da caixa de pregos e escondeu-se no canto do barraco. O trem serpenteou pelos trilhos, chegou mais próximo e a pequena casa começou a tremer. Então a menina subiu nas madeiras velhas encostadas na parede e alvejando pedras com o estilingue, com fúria gritou:

— Matou papai! Matou papai! Matou papai! — fatigada, caiu na terra úmida.

\* \* \*

Abriu os olhos, notou que estava aconchegada no colo da mãe, que com voz baixa falou:

— Desce agora, querida, vou fazer alguma coisa para você comer, logo tem que ir para a escola.

— Te amo, mamãe — respondeu com ternura.



70K

10K

0

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

FIXOU OS OLHOS EM  
CRIME E CASTIGO, DE  
DOSTOIEVSKI,  
E DIRIGIU-SE  
PARA A MESA DA  
BIBLIOTECARIA.



PEQUENO



LEITOR



CARTEIRA DA BIBLIOTECA  
ESCOLA MUNICIPAL DE  
SANTA LUZIA, JUNHO DE 1972



capitulo nº05

Saiu de casa com espírito ousado. Hoje iria mais longe, pensou. Tinha um livro miúdo nas mãos, andava agora pela rua vazia dirigindo-se à escola. Era curioso, pensador, desejava sempre mais cultura. Um incômodo para os professores, diziam. Demonstrava certa angústia, que era própria dos adultos, alma desafiadora.

Deividi lia muito, estudava mais que seus colegas e que os meninos da sua idade. Propriamente não se chegava com aqueles jogadores de futebol. Era das letras e cálculos.

— Hoje vou pegar um livro mais grosso — pensou ele, entrando na biblioteca. Percorreu as estantes abarrotadas das obras recentes até as mais clássicas. Fixou os olhos em Crime e Castigo, de Dostoiévski, e dirigiu-se para a mesa da bibliotecária. A moça, com os olhos escondidos atrás dos óculos enormes, retrucou:

— Este livro é muito pra você, pega outro menor.

No momento em que ela se virou para atender outro menino, ninguém mais viu Deividi e nem o enorme livro do escritor russo.

capítulo

$$1+1=2$$

$$3+4=7$$

6



# ilusões perdidas

... certo.  
Em um lugar lugubre, escuro,  
carcomido pelo tempo, por onde passavam pro-  
fessores, alguns alegres, outros ...



$$1+1=2$$

Quem chegasse àquela escola teria certeza de que estaria num lugar lúgubre, escuro. Tinha na sua entrada um portão de ferro carcomido pelo tempo, por onde passavam professores e funcionários, alguns alegres, outros nem tanto e outros totalmente tristes, cabisbaixos. Assim também era com o alunos. Logo após a entrada, um saguão bem espaçoso fazendo o serviço de entrada, mas antes, à esquerda, havia uma quadra de esporte, local preferido dos educandos – maiores. Não vou lembrar as reformas que este local necessitaria.

À direita uma pracinha, com gangorra, balanços enferrujados, pneus velhos, todos assentados num chão de areia, local preferido pelos alunos – menores. Indo mais adiante e entrando no educandário, temos a secretaria, espaço burocrático, arquivos entulhados de papéis e computadores, alguns já obsoletos. A sala da direção, ao lado, também era um local burocrático e, conforme a situação, obsoleto também.

Havia um corredor que levava à sala dos professores, com sua porta à direita. Não podemos esquecer também que perto dessas salas havia a biblioteca, que era – e de maneira alguma deveria ser – um lugar bem escuro, funesto e esquecido por todos que frequentavam a escola. Também não era lembrado no levantamento patrimonial.

Como não poderia deixar de ser, a sala dos professores era a mais movimentada, tendo, logo que se chegava, no canto da entrada, dois vasos de flores empoeirados, bancos, cadeiras e armários ao redor da sala. Ao centro uma mesa grande, sempre cheia de papéis, jornais do sindicato, que apenas alguns liam. Ao fundo, o que não faltava era um quadro de giz, onde são escritos avisos, reclames, piadas sobre o governo, pedidos de aumento de salário, datas de aniversário, pensamentos e alguma coisa a mais. Como toda escola, esse é o lugar mais impregnado de vozes humanas: choros, lamentações, discursos, chamamentos e movimentações sindicais e políticas.

Indo à ala esquerda da escola, vê-se a cozinha, um local bastante procurado pelos alunos, e também por professores – era o lugar mais quente no inverno. Ao fundo da escola

ficavam as salas de aula, bastante amplas, locais de ação pedagógica dos professores e da aprendizagem dos alunos. Ultimamente estes dois processos não tinham ocorrido muito por falta gravíssima dos dois agentes envolvidos. Um distante do outro, conviviam no mesmo espaço. Cada sala comportava quarenta alunos, com as janelas viradas para o nascente – mas isso não iluminava a cabeça dos jovens. Ocupavam a sala da mesma maneira que as gralhas ocupam seu habitat. Pela manhã eram bem iluminadas, ficavam cheias de vida e vozes, com jovens alegres, mas nem todos prontos para o “saber aprender” e os professores para o “ensinar o aprender”. Ora, muita ilusão pelas circunstâncias.

O prédio escolar tinha em seu entorno um terreno extenso com dois campos de futebol e uma horta, onde um professor da escola insistia para que os alunos cultivassem hortaliças.

Tudo isso era cercado com um arame farpado que o diretor odiava. Fazia anos que se tentava a construção de um muro. A rua que levava até a escola era calçada, mas terminava em um estacionamento, que não era usufruído apesar da possibilidade de utilizá-lo e dos pedidos insistentes dos professores, pois seus carros eram deixados na rua.

A instituição localizava-se na periferia de Passo Fundo, lugar de bastante vento nos invernos gélidos, época de pouca assiduidade dos alunos pobres que a escola recebia. Mas as casas que a rodeavam eram boas, bem construídas e conservadas. Porém, à medida que se distanciava, o bairro mudava sua paisagem – mais pobre e populoso com casas que lembravam favelas cariocas. As pessoas que moravam próximo à escola exerciam as mais variadas profissões: de funcionários públicos a catadores de papel. Isso fazia com que o currículo escolar comportasse conteúdos dos mais amplos, apesar da inconsciência de muitos planejadores que o elaboravam.

As ruas no entorno da escola eram pavimentadas e recebiam os skates dos meninos à tarde, e as calçadas abrigavam meninas e meninos ludicamente. Isso acontecia na primavera

e no verão, o inverno rabugento permitia apenas nos dias mais quentes. Não há necessidade de dizer que a juventude bem humorada era a que mais movimentava o bairro.

A escola tinha um grande contingente de alunos, que não era por vontade dos professores, mas sim do governo. Os ensinadores sempre reclamavam das salas abarrotadas, a direção esquivava-se responsabilizando o governo. Procurava manter-se no cargo, com isso, não se preocupava com os números, somente quando lhe traziam votos. Com estas questões o governador não se preocupava, mas também gostava de números. Graças a isto, seu lema: “Toda criança na escola”. Os professores que tratassem de ensinar e a direção que cumprisse o lema e conseguisse as vagas, ora! Para o governo era assim: os professores devem manter as crianças educadas e os diretores devem manter os educadores na sala de aula.

Qual o nome que se pode dar a esta escola? Ela tem uma paisagem bonita, está no alto do bairro, contornada por ruas asfaltadas. Alunos de todas as idades circulam em seu pátio e corredores e, para não esquecer, tem professores e uma direção, ora bolas. O que faltava? Sua estrutura física era boa...

Quando uma escola tem boa estrutura física e paredes coloridas, dá para considerar uma escola de superfície. Volta e meia alguém grita: Cadê o conteúdo? Professor ou aluno podem vociferar. Era o mesmo que alardear que tem o recipiente, faltando-lhe o mais importante: conteúdo.

Ele seria como? Seriam os mestres bem preparados, alunos empolgantes buscando o saber; bons planos pedagógicos (não engavetados), muitos e muitos recursos didáticos. Mas o melhor seria o conteúdo humano e não é de se negar isso.

Quando se pensa nisso, muitos dizem: ilusão. Nesses tempos nem ilusão existe; os pais dizem que “a crise está chegando, isto é sonho”.

Professores inteligentes seriam mais que professores? Alunos que quisessem adquirir o saber seriam verdadeiros discípulos?

Num mundo conturbado, isso seria raro, então diga-se o nome dessa escola: *ESCOLA DAS ILUSÓES PERDIDAS*.





BIG KID ABCDEFGHIJKL  
 MNO PQRSTU VWXY Z  
 print  
 abcdefghi jklmnopqrstuvw

01	21653	25611	3825	8291
02	34119	25426	5435	8939
03	33387	27485	7632	14775
04	16497	19394	3198	11568
05	20903	38633	5415	15451
06	12769	75130	7625	17118
07	18085	27805	5476	20948
08	13922	33493	3671	24475
09	1182	104	10	19253
10	2725	1181	108	33713
11	3226	12	3899	60539
12	376	12	3546	64093

GABRYEL  
 GABRYEL  
 GABRYEL



FIRMOU OS OLHOS E VIU SEU PAI COM  
 MICROFONE GRITANDO: GOOOOOO!!

CAPITULO



Levantou-se num sobressalto e notou que já era tarde para sair da cama, em comparação ao dia de ontem. Uma breve imagem do que fizera no dia anterior veio à cabeça. Tinha que realizar algo diferente hoje. Foi até o quarto da mãe procurar uma resposta. Viu que ela ainda estava dormindo, sempre levantava mais tarde. Queria ligar a televisão, mas acordaria aquele ser que havia lhe dado a vida: hoje teria desenhos diferentes para assistir. Uma surpresa boa veio em sua cabeça infantil: não precisaria ir à escola nesse dia, poderia brincar à vontade com todos os brinquedos. Porém essa ideia logo o desagradou: havia enjoado dos mesmos carrinhos, arminhas, joguinhos. Caminhou até a cozinha procurando o que fazer, sentiu fome e, parecendo um autômato sonolento, tomou um chocolate com bolachas. Com rapidez, empurrou o alimento para dentro do corpo. Uma ideia iluminada lhe veio. A de construir um brinquedo para si. “Vou fazer uma arminha de madeira”, pensou. Como se fosse um carpinteiro, foi em busca do seu intento. Procurou madeira nos fundos do pátio, “ainda bem que meu pai deixou estes paus aqui”, imaginou.

Quando não tinha algo diferente para brincar, buscava inventar uma brincadeira ou construir um objeto como brinquedo. O pai e a mãe não gostavam que ficasse somente na frente da tevê ou no videogame. “Isto estraga os olhos e vicia”, diziam. Chateado e contrariado, sempre criava alguma coisa para fazer. E quando os amiguinhos não podiam brincar juntos, tinha que fazer isso: ou brincar com os carrinhos, ou com os joguinhos.

Cantarolando, pregou uma madeira menor numa maior em forma de metralhadora e saiu alvejando tiros imaginários. Correu pelo adro imitando o invento humano da Segunda Revolução Industrial. Simulou guerras, conflitos, duelos, emboscadas. Corria atacando e defendendo-se, era um soldado perfeito, entretanto solitário. Pam, pam, pam; rá, tá, tá, tá: era o som que ecoava no vento. Sentou-se debaixo da pitangueira que oferecia sombra até para homens em guerra; aquele soldado necessitava. Um latido tirou sua atenção. Le-

vantou repentinamente em sua direção, como se abraçasse um grande amigo que não vê há muito tempo e pegou Banzé no colo. “Onde tava, sem vergonha?”, perguntou. O pequeno cão gemeu, temendo não escapar mais daquele colo lúdico, desceu e saiu correndo como quem foge do horrendo. Saiu atrás do seu brinquedo vivo de quatro patas numa alegria imensa, esquecendo o jogo bélico.

Quando brincava de armas fazia um jogo solitário, era o caçador e o caçado ao mesmo tempo. Ficava longe dos conselhos maternos e paternos que temiam que se tornasse um menino violento. Sabia o que era uma brincadeira e o que não era. Escondia-se do inimigo atrás de uma parede da casa, ou atrás da pitangueira, ou atrás do muro. Odiava quando outros meninos não podiam vir brincar consigo. Alguns não entendiam como era a brincadeira, ou fastiavam-se logo. Por fim, gostava quando a turma vinha até sua casa. O pai contava que quando menino brincavam de cowboy na casa da vovó em Nonoai, também com armas de pau.

A diligência atrás de Banzé não dera resultado, então resolveu assistir à televisão enquanto a mãe não acordava. A porta do quarto estava fechada, abriu-a silenciosamente e levou um susto com uma sombra no escuro. A penumbra era grande que não distinguiu quem era. Ouviu a risada maternal, abriu um sorriso e jogou-se no colo da sua progenitora. A mulher levantou-se pedindo para pôr a chaleira com água para fazer o chimarrão. Atendendo ao pedido, correu até a cozinha e realizou a tarefa. Bebeu um copo d’água e voltou ao quarto, sôfrego. Ligou a tevê e assistiu a um desenho animado. Depois grudou os olhos na janela e viu que lá fora os raios solares estavam esquentando o dia. Precipitou-se para fora. Radiante.

Olhou a rua, a manhã era colorida como uma pintura de arco-íris. Ao longe um campo poeirento era o solo de meninos jogando futebol. O ar ali era sóbrio e alegre, abrigando a felicidade do jogo. Entrou novamente no quarto, calçou o tênis, seu destino era o campo. Correu pelo resto da manhã ficando sem fôlego. Compartilhou da alegria juvenil adoles-

cente. Era o menor do grupo. Consideravam-no bom de bola. Quando bebiam água numa bica próxima, foi chamado para almoçar. Seria um momento não muito bom, preferia tomar um suco de uva ou um chocolate com leite.

Entrou em casa prevendo o momento ruim, estava apreensivo. O pai sempre admoestava por alguma molecagem do dia anterior. A mãe entrou na cozinha com uma panela quente nas mãos, falando que papai não viria ao meio-dia. Perguntou a razão e ouviu que tinha muito serviço na fábrica. Era metalúrgico. Ficou um tanto triste. Não teria o xingão de sempre, mas faltaria alguém à mesa. Mamãe sentiu a tristeza e passou-lhe a mão na cabeça que abrigava os cabelos louros e lisos. Serviu-se com a alma chorosa. Sempre ganhava um doce ou um pequeno carrinho para a coleção. Muitas vezes tinha de explicar que amava o pai não pelos presentes, mas que tinha um sentimento profundo e sentia falta na sua ausência. Acabrunhado, porém almoçou; ao mesmo tempo em que a dicotomia de sentimentos sumia do coração, voltou o desejo de jogar bola com os meninos.

Com o consentimento da mãe e na condição de escovar os dentes, voltou ao campo. Agora não eram os mesmos meninos na terra poeirenta; outros substituíram. Devia ser porque seus pais não deixaram, o sol estava queimando, pensou. Entrou num time de seis jogadores, um grupo fraco. Era um dos atacantes e ficou na espera de lançamentos para fazer um gol, oxalá. O tempo estava correndo e suas jogadas não apareciam. Correu o campo inteiro e poucas vezes a bola lhe foi passada. Insistia procurando estar próximo das jogadas, a bola andava e quicava longe dele; uma angústia ameaçava dominá-lo. Alguns pensamentos de jogos anteriores surgiram como nuvens opacas em sua cabeça: outras vezes eles também não haviam passado a bola. Por que acontecia de novo? “Não gostam de mim? Ou eu que sou tão ruim?”. Essas indagações lhe incomodaram por um bom tempo. Cansou de esperar a pelota e pediu para jogar de goleiro. Não sendo atendido solicitou substituição, justificando um cansaço.

Era reserva agora. Sentado na beirada do barranco, percebeu uma calma e como tinha se zangado com o jogo. Havia até sentido um aperto no peito. Se fosse jogar no gol seria melhor, mas não tinha certeza de que iria gostar. Imagina se papai estivesse ali, assistindo o jogo: ele no ataque ou de goleiro!, exclamou. Esperou mais um instante e a solidão lhe bateu. Resolveu voltar para casa, seria bem melhor. Caminhando devagar, um assomo de fastio invadiu a sua alma. Chegando à cozinha, correu para tomar água, e nesse momento veio a lembrança de ter um livro novo para ler. Era *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry. Foi até o quarto, agarrou a obra, as primeiras letras pesaram os olhos e logo adormeceu.

Mergulhara num sonho inédito. Conheceu um campo novo para jogar futebol, e já que nesses momentos o ser humano acredita que está num mundo verdadeiro, mundo real, era o melhor dos jogadores. A bola voava até seus pés na velocidade de um *Mustang*. Dava dribles esplêndidos e era canhoto, característica que fazia com que seu marcador nunca conseguisse lhe barrar a jogada. Em certo momento havia deixado os dois zagueiros adversários para trás, e agora eram somente ele e o goleiro. Fazendo do corpo um zigue-zague, enganou o defensor e chutou para o lado vazio do gol. Saiu comemorando e observou que havia uma cabine, onde havia um narrador do espetáculo. Firmou os olhos e viu seu pai com um microfone gritando: goooooool!

Num sobressalto acordou surpreso, o livro não lido caindo no chão. Arrumou-se, precipitou-se para a cozinha, sedento e à procura da mãe. “Está frio, meu filho, coloque uma roupa quente”, falou a mulher em tom carinhoso, buscando com os braços o menino que, sem hesitar, neles aconchegou-se. Contou do sonho para ela com voz nervosa, as palavras saltaram da boca. A mãe explicou que era saudade de papai e tratou de afagar sua cabeça. Numa tentativa de apagar o sonho da memória, falou para a mãe que tinha tema para fazer – e eram bastantes contas para resolver e treinar a tabuada. Buscou a mochila no quarto, retirou os cadernos e, com os

cotovelos sobre a mesa da cozinha, meditou os cálculos. “Vale nota”, pensou. Em pouco tempo realizou a tarefa, guardou os materiais e um pouco cansado bebeu água novamente.

O horário de jantar veio à cabeça e sentiu fome: o estômago apertou pedindo algo saboroso para acomodar-se. Procurou a mãe pela casa e foi achá-la no tanque, agachada esfregando com as mãos uma calça jeans. Viu que era sua e ofereceu ajuda; com ar sôfrego ela olhou-o dos pés à cabeça. Entendeu a vista da mãe e correu para o quarto, onde vestiu um moletom. Voltando ao tanque, viu que ela já estava no varal ao fundo do pátio.

Observou de longe e viu uma mulher cansada lutando pela vida, para manter a casa em ordem. Sabia que ela estava cada vez mais curvada, o tempo lhe batia no ser, porém nunca reclamava da existência dura. Sabia que a mãe sentia falta de papai: ele também. A fábrica era muito exigente. Um dia a conheceu e viu como era hostil aquele lugar. Vários homens vestidos com macacões que sobravam no corpo, trabalhando oito horas por dia. Era como uma batalha na qual a meta era vencer um exército de gigantes. Em casa o pai sempre falava que o gerente determinava que a tal da produção tinha de ser vencida diariamente. Não entendia muito, mas sabia do nível de cansaço de papai quando chegava em casa: exausto.

¿SERÁ QUE SABIA O QUE ISTO  
REPRESENTARIA PARA A SUA VIDA?



n°08



Dúvida



Maicon Douglas era seu nome e estava indo à escola pela primeira vez. Já sabia ler e conhecia alguns números. Ou seja, sabia ler alguma coisa do mundo. Para ele, já interpretando, o mundo era uma selva, muitos adultos eram animais. E os seres humanos mais próximos não entendiam suas ideias. “Essa gente grande sofre tanto”, pensava ele. Corriam tanto, eram agitados, acidentados, angustiados, tristes, que na sua visão o que os diferenciava dos bichos era que falavam e andavam sobre duas pernas – apenas dispensavam as outras duas.

Mesmo assim, sentia-se motivado, alegre e pueril por esta mudança essencial na sua vida. Roupa nova, banho tomado, mochila nas costas, os passos em direção à sala de aula eram apressados. Parecia que o corpo não acompanhava sua vontade. Uma pergunta vem a calhar talvez na cabeça do leitor: Mas será que sabia o que isto representaria para a sua vida?

Isto não estava bem claro na sua mente. Diziam que precisava estudar, aprender a ler e escrever para ser alguém na vida.

Mesmo com esse falatório, Maicon se questionava: aprender a ler e escrever o quê? E por sinal, já não era alguém na vida? Já não existia como pessoa? Que confusão essa gente grande fazia!

Sabia muito até ali: sabia jogar futebol, falava bastante, reclamava, inquiria, observava tudo, assistia televisão e interpretava – estabelecia relações entre a realidade da tela e a realidade de sua casa.

Observava muito os pais, que liam e escreviam muito bem. Considerava pessoas inteligentes que trabalhavam muito para ganhar a vida. Passavam fora de casa o dia inteiro e só os via à noite. Sentia muita falta deles.

Hoje pensava em mudar a vidinha. Chega de solidão, televisão, todo mundo cuidando da vida dele. Agora iria aprender as coisas do mundo. Ficar esperto, devorar livros, seria um pensante – ouvira de alguns meninos grandes que algumas pessoas têm a profissão de pensador, de pessoa inteligente que escrevia livros. Isto passava pela sua cabeça agora e o

deixava alegre e com boas esperanças.

Mas Maicon não imaginou a decepção que sentiu em alguns anos. Foi tido como um criança se não mudasse sua postura.

No início da vida escolar não sofreu para aprender as primeiras palavras, mas achava-as estranhas. A professora preparava as primeiras expressões a partir de objetos que não conhecia e não podia nem reclamar. O menino imaginou uma realidade que não ocorreu. Parecia que as suas vontades diluíram, viraram fumaça, e o resultado é que se perdeu em devaneios imaturos.

Além de tudo isso, a professora seria tida como uma máquina muito estranha pela sua turma. Um robô tonto, desligado da tomada. Entrava na sala e não observava a angústia da turma em querer aprender cada vez mais. Muitas questões não eram respondidas.

Uma vez um aluno queria saber sobre o mundo, de que forma ele era mesmo, pois vira na tevê um globo. Mas ela explicava somente sobre a cidade, porque estava no livro que a escola tinha naquele ano. Que absurdo! A cidade fazia parte do mundo ou não? Essa dúvida ficou na cabeça do menino, e agora que cresceu ainda não consegue sentir o mundo em que vive, nem sentir o espaço geográfico a que pertence. Parecia que a professora não sabia que o planeta tem a cidade e esta, por sua vez, é uma escala do mundo. Com essa noção, poderia construir um pensamento espacial, histórico e matemático. Mas perdera tudo isso. E não tinha a consciência de que fora formada com um conhecimento fragmentado também. Isso impossibilitava ter uma visão totalista do mundo – que não é quebrado. Porém sua mente era compartimentada e lecionava somente aquilo.

Acontecia que todo o currículo da escola era fragmentado. Separava-se totalmente o conteúdo. Apesar de existir um professor somente na primeira série – dando um exemplo – ele ensinava separado o Português, a Matemática, as Ciências e os Estudos Sociais. Como se o aluno aprendesse as coisas separa-

damente, em etapas ou em níveis escalares. Ninguém entendia que a mente era uma só e estabelecia relações. A síntese acontece quando compreende o todo e o raciocínio também é um conteúdo não só da Matemática. Tudo isso foi construído pelo próprio ser humano. Podia-se parar para pensar o que se passava pela cabeça do homem pré-histórico, quando começou a rabiscar na argila? Alguém o ensinou? Isso era um saber, uma construção de linguagem e influenciou muito a História, um fato no espaço geográfico. Foi uma evolução e uma revolução. Afinal esse homem sabia a diferença entre essas duas palavras? Problemas sérios do saber que, hoje, os estudiosos não conseguem decifrar e a professora na sala de aula não encontra nenhum Edgar Morin para lhe ajudar, muito menos um Paulo Freire para dar uma mãozinha.

Tudo isso mostra que precisamos pensar, a resposta vem de si próprio e da provocação externa. O ponto de interrogação foi inventado para que todos tirem suas dúvidas com um professor. Aprende-se a pensar pensando. O que é uma cabeça quente? Quando surge uma dúvida e ela persiste e não é sanada, o pensamento se fortalece e incomoda a mente – esse pode ser o conceito também de neurônios em brasa. Porém isto é uma conversa longa e precisamos voltar à história de Maicon.

Certo dia ele chegou à escola e, em vez de ir para a sala de aula, resolveu espiar a sala dos professores para ver se estava presente algum professor diferente da sua megera professora. Queria tirar do seu peito a angústia. O professor Luis Carlos estava com período vago e o atendeu:

— Boa tarde, quem você procura?

— Ninguém. Desculpe, boa tarde.

Luís Carlos estranhou a atitude do garoto, pois ele havia demonstrado que estava preocupado, seu rosto estava suado.

— Então, por que não vai para a sala de aula?

— Hoje eu não quero — respondeu Maicon, e isso caiu como um peso enorme sobre o professor. Pensou ele: se

nesta idade o aluno não tem motivação para estudar, imagina quando chegar à quinta série, quando for meu? O menino inquietamente inquiriu:

— Tenho uma pergunta pra te fazer.

— Como é o teu nome, em primeiro lugar? — perguntou o professor.

— Maicon. Pode me chamar assim.

— É muito estranho isso — o professor falou, meio zozinho com aquela situação.

— Por quê? Vou conversar contigo e não vou te pedir o teu nome. Vou te chamar de professor.

Quase suando frio, muito nervoso com aquilo, enfim Luís Carlos quis saber da pergunta da criança:

— Qual é a tua pergunta?

— Por que não consigo pensar direito?

Subitamente ou como um raio, veio à mente do professor uma imagem como se a pergunta estivesse vinda de um adulto ou de um menino superdotado ou de um geniozinho. Era uma sensação que estava quase o consumindo e lembrou-se de uma situação vista em um filme. Um aluno de primeira série tendo um desejo de pensar mais, quem diria. Ajeitou-se na cadeira e respondeu, sem pensar muito:

— É uma pergunta muito difícil de responder hoje em dia, apesar de o pensar ser algo inerente ao ser humano. O pensar é uma característica de todos nós e, por conseguinte, elementar para aprendermos. Você me pergunta isso porque todo o dia ouve de teus pais: não pensa no que faz? Através dessa repreensão eles não estão te ensinando a pensar, mas sim criando um medo em ti. E para começo de conversa sobre esse assunto, penso que as crianças vão muito cedo à escola. Elas precisam de mais alguns anos para movimentar-se e brincar mais. O corpo da criança necessita de movimentos para um bom desenvolvimento. Se o corpo cresce com saúde, a mente também vai pelo mesmo caminho, pois faz parte do mesmo corpo e irá ajudar a pensar. Qualquer pessoa que não cuida do corpo e não libera a energia contida nele, não conseguirá

então elaborar bons pensamentos. Precisamos entender que o corpo e a mente fazem parte do nosso ser, que é um só, único. Não podemos separá-los igual ao conhecimento humano, que é compartimentado, fragmentado e especializado. Aliás, se o indivíduo vive o cotidiano separado, corpo para um lado, mente para o outro, nunca aprenderá o conhecimento como um todo, estabelecendo relações, como é necessário. Acho isso muito importante para a tua compreensão, e para a formação da tua mente, que é composta pelo pensamento e pelas emoções. E falando em emoções, essas precisam estar controladas, pelo contrário, induzirão as pessoas a erros grosseiros de pensamentos. Elas ficam guardadas na tua mente e, ao menor descuido ou descontrole, saltam e tomam a frente do pensamento elaborado. É quando muitas pessoas param e pensam, após ter tomado uma atitude precipitada: o que foi que eu fiz? Você já deve ter ouvido que a nossa cultura é ocidental ou europeia e que o Brasil, colonizado pelos portugueses, herdou este tipo de cultura, composta pela língua, costumes, artes e pensamentos. O modo de pensar também envolve a cultura – não esquece isso, Maicon –, o que muitos estudiosos se esquecem de mencionar. A história ocidental é consequência do modo de pensar do europeu, quer dizer, uma busca incessante por entender Deus, uma inquietação com relação ao que é o ser humano, resumindo: sempre perguntando o porquê de tudo. Assim, os povos desse continente expandiram os seus conhecimentos ao resto do mundo, principalmente após o descobrimento da América, no século XV. Depois desse acontecimento, houve um progresso tecnológico muito grande e o pensamento se distanciou daquele período medieval, onde o tempo era consumido com questões teológicas. Foi assim que surgiu o pensamento moderno que teve contribuição de grandes pensadores, como Newton e Descartes, este último, por sinal, autor da conhecida frase “penso, logo existo.” Após todas essas explicações, quero que entenda que o tempo em que vivemos passa por uma crise de conhecimento e pensamento. Duas crises humanas construídas e que precisam ser

destruídas. E a escola, centro de aprendizagem, não poderia passar imune a todos esses problemas. Dessa maneira, a tua professora, uma das células da escola, também passa por crises semelhantes, pelas quais a sociedade é atingida. Será que no seu curso de magistério ou faculdade os seus professores lhe ensinaram a pensar? Como ela poderia contribuir para que você construa o teu saber e elabore pensamentos?

Dizendo isto o professor fez uma expressão de muxoxo e dúvida. Durante todo seu discurso largou a sua verborragia. Maicon havia pegado uma cadeira e se estabelecido em sua frente. Aproveitou que não havia nenhum professor a mais na sala e ficou à vontade.

— Gostei, você é um professor que dá uma explicação bem comprida sobre uma pergunta somente. Parece uma pessoa muito inteligente.

Luís Carlos deu uma gargalhada, sabia que tinha falado demais, mas o que ele não imaginava é que sempre gostou do fato de estudar, ler e, ultimamente, estava debruçando-se na filosofia e nos fundamentos da educação. Maicon continuou com suas inquirições:

— Professor, por que então, se a escola tem tantos problemas, não organiza melhor suas aulas?

— Já que notei que você não está a fim de ir para a sala de aula, vou te responder, mas após isso, você irá correndo, a professora deixará você entrar atrasado. Bom, eu tinha te falado que a nossa cultura é europeia, não é mesmo? Isso deu um pouco de imobilismo para a nossa gente, e a educação é uma educação de massas. Isto quer dizer que o professor precisa de um discurso em sala de aula muito profundo para o aluno aprender, não interessando se o conteúdo é de interesse do mesmo ou se todos estão aprendendo. É um erro e lembra campanha política, comício e enganação do povo. Os professores que dirigem a escola também aprenderam dessa maneira quando estavam em idade escolar. Virou uma cultura e hoje eles também possuem esta noção. Para você entender, vou ser prático: se você for sendo somente mandado, sem alguma li-

berdade, irá se acostumar com esse hábito, será um sujeito inseguro e não saberá tomar decisões direito. É isto que acontece com a escola. Ela é dirigida por pessoas que têm esta cultura e ainda não há autonomia político-pedagógica para isso.

— O que é isso: autonomia?

— Pensei em mandar você procurar num dicionário, mas é muito novo para isso, e além do mais, precisa ir para a sala de aula.

— Mas eu acho que aprendo muito mais aqui.

— Não posso manter você aqui, está chegando outro professor que precisa trabalhar e não podemos permanecer.

— Amanhã não podemos continuar nossa conversa?

— Amanhã você também tem aula, menino, e não pode ganhar falta! — respondeu o professor, exasperado.

— Vamos combinar alguma coisa para podermos continuar conversando?

Luís Carlos pensou um pouco, pois notara que o menino iria continuar insistindo. Veio-lhe a ideia de usar o sábado que não possuía regência de classe. Combinou com o garoto, então, já que estava com admiração pelo seu comportamento.

A sala esvaziou-se com a certeza do professor de ter falado demais e não ter sido compreendido. E, claro, com a permanência de dúvidas na cabeça da criança.



capítulo

9

minha pequena historia  
com ela iniciou num dia  
em que acabavamos  
de voltar da escola eu  
e ela nos deparando  
em cada janela...



# janela DO MUNDO

Cely

$a^2 + b^2 = c^2$   
 $u(x, y) + u(x, y) = u(x, y)$   
 $u(x, 0) = u(x) \quad 0 \leq x \leq \pi$   
 $u(x, y) = u(x, y) \leq u(x, y)$

Quando o dia fica lúgubre, chuvoso e o frio penetra na pele dos indigentes pelas ruas pobres, olho pela janela e lembranças rapidamente atingem minha mente como se fossem um raio.

Desta vez a memória, que encontra na minha juventude os trejeitos de uma menina da minha rua, faz com que fique com um ar de tristeza muito grande que nem os cachorros chorosos servem de comparação.

Morava na rua Paissandu e passava o dia no parapeito da janela que dava uma vista muito boa para as outras casas. Certo dia de primavera houve mudança nos vizinhos da casa ao lado. Era também como a nossa casa: de madeira, sem cercado e envelhecida pelo tempo. Minha janela era a minha visão do mundo, por ela via as pessoas cruzarem do Boqueirão para o Centro e do Centro voltarem para o bairro. Então era minha saída e caminho da vida pequena da época.

Os vizinhos recém-chegados atraíram minha atenção porque uma das almas novas na rua era uma menina muito linda, com cabelos lisos e a pele clara e expressava um sorriso esplendoroso. O inédito era que a via apenas pela janela do seu quarto e, mais dramático ainda, era que o tempo nunca fora generoso comigo mostrando-me o seu corpo inteiro.

Mas não é uma história alongada esta. É breve como o tempo em que os vizinhos ocuparam a casa ao lado – mamãe dizia que pareciam ciganos. Outras vezes falava que ficavam nas casas para tentar usucapião. Porém isso não interessa agora. O valor de um conto vivido é aquele do movimento de seus personagens.

O nome dela era Rita, mas chamavam-na de Ritinha. Pode ser a justificativa da alcunha diminutiva o tamanho da menina.

Minha pequena história com ela iniciou num dia em que acabávamos de voltar da escola, eu e ela, nos deparando em cada janela. Os olharem se cruzaram e nos demos conta da existência um do outro. Observei seu sorriso encantador e notei que possuía olhos azuis. A partir daí, diariamente nos

olhávamos e passávamos a pensar que o futuro nos pertencia.

Num belo dia ensolarado a vi olhando para o lado da minha janela. Perguntei seu nome e ela fez o mesmo. Estávamos apresentados, o prazer foi recíproco. Trocamos algumas informações das nossas breves vidas. Fui perguntado se responderia o seu caderno de questionário e afirmei positivamente. Envergonhado corri até sua janela e peguei-o emocionado. Aproveitei folheando-o para saber mais de sua vida e consegui: nome de sua escola, série, idade, matéria de que mais gostava, dados familiares, nomes de amigos, cantor preferido, artista predileto; e o mais importante também – se possuía namorado. “Não”.

Essa negação me encheu de alegria e apaixonei-me por ela. A partir desse momento corri para devolver-lhe o questionário. Levaram alguns dias, ela não aparecia na janela. Um dia devolvi para sua irmã, Tina. Explicou que Rita estava doente de cama, daí o motivo de seu desaparecimento. Por alguns dias entristeci. O coração ficara apertado. Agora era Tina quem frequentava a janela, parecendo que gostaria de substituir Ritinha. Perguntava por minha amada e sempre a mesma resposta: adoecida.

Um dia, preenchido de coragem, resolvi ir visitá-la. Fui recebido pelo seu pai, um homem grisalho, de grandes bigodes, rosto enrugado. Respondeu-me que ela não podia receber visitas. Desolado, voltei para casa com olhos em lágrimas. Semanas se passaram e num certo dia ouvi a voz de Tina me chamando na janela. Disse que tinha um bilhete de Ritinha. Corri para pegá-lo. Sua letra arredondada dizia que me amava e gostaria de conversar comigo. O mundo ficou mais belo a partir do pequeno bilhete. Poucas palavras alargaram a minha janela, tudo ficou mais colorido.

Trocamos vários bilhetes, com juras de amor e com desejo de nos encontrarmos. Voltara a aparecer na sua janela e falávamos alegres. Ficava maravilhado com seu sorriso. Da minha janela olhava seus olhos de dia e à noite sonhava com a sua voz. No mundo dos sonhos pegava sua mão, passeávamos

num jardim florido, sentávamos abraçados num banco de praça e nos beijávamos. Sentia seu perfume, tocava em seu cabelo e na sua pele. A própria realidade – conservas de janela – era um mundo de sonhos.

Resolvi fazer um convite: antes da escola poderíamos nos encontrar.

Na Praça da Mãe tínhamos o primeiro encontro. No dia combinado preparei-me como se fosse um noivo no dia do casamento. O sol brilhava mais no espaço celeste, os pássaros eram mais cantores, as flores exalavam mais perfume – a Praça da Mãe tinha mais vida. Sentei-me num banco solitário para pegar na mão de Ritinha. Mas isso foi impossível. Suas pernas não lhe trouxeram, o vulto dela não apareceu na minha frente. Aquele dia na escola não levantei meus olhos para nada. Fiquei cabisbaixo a tarde inteira. Não procurei a janela. O mundo fechara seus olhos para mim. A terra ficou escura, os animais choravam, as árvores perderam suas folhas, os frutos caíram. Meus sonhos passaram a ser solitários, sem voz, sem brilho. Os dias e as noites eram, agora, depressivos.

A Praça da Mãe era triste a partir daquele dia. Ela chorava pelo seu filho. Entristecida, consternava-se por ele nas mãos do carrasco. A primavera não era mais cristalina. A Rua Paissandu virara um deserto como se os pés que a cruzavam tivessem queimado na areia escaldante. O pior dia para mim, e não me apraz muito recordar, foi esse.

Fui espreitar na janela. Parecia tudo tranquilo quando de repente vi movimentos repentinos na casa de Ritinha. Estavam de mudança. Todos carregavam os móveis num caminhão. Enxerguei Tina, menos Ritinha. Observei todo o trabalho pacientemente esperando por ela. Já havia esquecido sua ausência no encontro, estava possuído de saudades. Então vejo alguém carregando um caixote de madeira, seus passos eram trôpegos. Sofria para carregar o móvel que era proporcional ao tamanho do seu corpo. Arrastou o corpo e o caixote até o lado do caminhão. Subiu no móvel deixando à vista a ausência de metade de suas pernas. Elas iam até os joelhos, ficaram peque-

nas para alcançar a carroceria. Seu pai chegou e levantou-a. Olhando ao longe, o azul dos seus olhos cruzou com os meus. Aquele sorriso não escondia as suas dificuldades de locomoção.

Com essa visão despedi-me de Ritinha. Nunca mais a esqueci.

A menina de pernas cortadas, de alma engrandecida. Meu espírito crescera daquele dia em diante. Menina pobre, de letra redonda, paixão no coração. De cima de um caminhão, com seus móveis passou a enxergar melhor o mundo do que o seu vizinho apaixonado. Sua janela aumentara: poderia ver o centro da cidade, os carros na avenida, as pessoas nas calçadas. Com meias pernas e os olhos vigorosos. O mundo crescera para Ritinha.

\*\*\*

O frio dissipou-se. A primavera da rua Paissandu de tempos distantes como um sopro carregou os tempos gélidos. Os olhos brilhantes de uma menina tinham dilacerado minha melancolia.



o bebê só guarda  
o céu chuvoso e  
o chão  
onde brincou.



# ARCO ÍRIS



$1+1=2$   
 $3+4=7$

Minutos depois se lembra da mãe doente



O menino pisa nas poças enquanto a tarde passa e a garoa insiste em cair. Desce a ladeira transpirando liberdade, pula dentro d'água e dissipa seus pensamentos. Numa mão carrega um pacote de pão e na outra uma rapadura de leite – essas são mercadorias típicas quando crianças compram o básico de casa; alguém há de concordar com isso.

Desce, desce e a alegria aumenta. A periferia, seu destino, abriga sua casa simples; todos lá aguardam. A chuva fraca continua a cair, as gotas d'água esperam os raios de sol formarem um arco-íris.

Os pisões nas poças continuam. Gosta de ver a água jorrar nas suas pernas e dos sorrisos que vêm dos bairristas olhando pelas janelas. Os minutos costumam a passar e aquela alma parece um cata-vento girando sem parar.

Um gaioteiro surge no alto da rua instigando pressa em seu cavalo. O menino não percebe e continua na sua arte. O homem aproxima-se com seu veículo medieval, para próximo ao garoto e fala:

— O que tá aprontando, guri? Desse jeito vai pegá uma gripe.

— Tô brincando!

Quando se olham, reconhecem-se como pai e filho. O garoto sobe na gaiota e continua na sua felicidade de final de tarde. Olha para trás e observa com um sorriso no rosto o lugar das águas da chuva onde brincava. Enquanto isso o homem toca o seu transporte em direção a um casebre. Chegando ao destino, ordena ao filho que descarregue garrafas *pet* que arrecadou na cidade. Pede para tomar cuidado, pois é o ganha-pão de todos.

Quando entram no recinto miserável, a garoa já se dissipou. Observam a mãe deitada num sofá maltrapilho, gemendo de dor e tristeza.

— Trouxe pão, mãe — diz o menino de cabeça baixa.

— Obrigada, meu filho — cicia a mulher após tossir, fraca, não podendo realizar outra coisa qualquer. Aguarda o marido se lavar numa tina velha que está numa peça da casa.

Quando marido e mulher estão enfim juntos, ele agora sentado na beira do sofá, olham-se como que sabendo do pensamento um do outro. O menino passa por eles com um pedaço de pão indo em direção à rua. Sabendo que não deixariam ir muito longe, resolve sentar na grama rala perto da escada de madeira em frente à porta. Sua cabeça só guarda lembranças do céu chuvoso e das poças d'água no chão molhado e liso onde brincou. Minutos depois, se lembra da mãe doente. Coitada, parece que sofre muito. Bate-lhe uma tristeza que parece não largar mais do peito. Ergue os olhos quando um ruído vem de dentro da casa. É o pai carregando a mãe no colo.

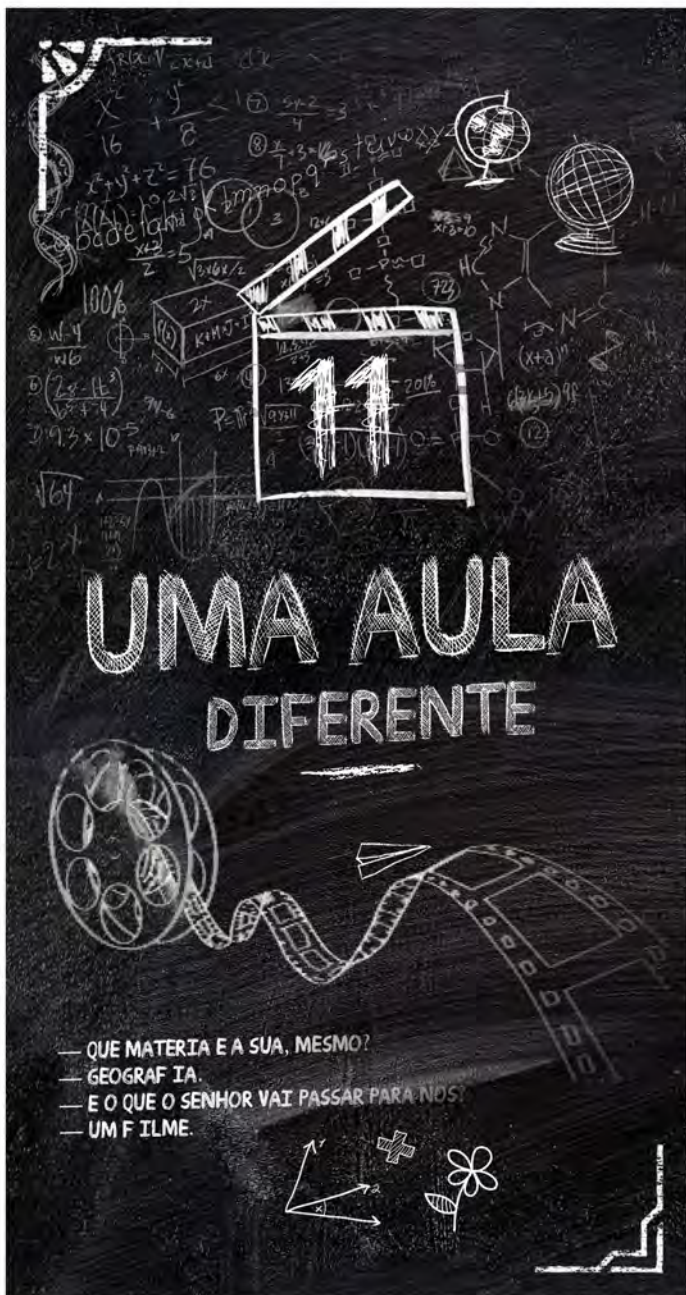
— Filho, vou levar a mãe no hospital, acho que voltamos logo, cuida da casa.

As lembranças voltam à mente. Olha no horizonte a gaiota, vem-lhe uma tristeza, sente uma pena profunda da mãe daquele jeito. Entra na sala, busca pela chave, tranca a porta e sai para a rua das poças.

As águas secaram, o chão do asfalto está acinzentado, perdeu o brilho. Senta à beira da calçada. Está fria. Vai esperar pela volta da gaiota comendo a rapadura de leite.

O dia espera o ocaso para a noite responder seus barulhos. O arco-íris fora embora buscar o branco da lua.





# UMA AULA DIFERENTE

- QUE MATERIA E A SUA, MESMO?
- GEOGRAFIA.
- E O QUE O SENHOR VAI PASSAR PARA NOS?
- UM FILME.



Uma história curta não significa que possua um déficit de conteúdos por narrar. Entrementes, uma longa pode ter uma pobreza de enredo. Porém, ambas necessitam ser contadas alimentando a alma humana. Eis uma curtíssima:

Certo dia um professor, que dispensamos o nome, chegou à escola sem o material que costumeiramente trazia. Quando entrou na sala de aula, um aluno o interpelou:

— Não vamos ter aula hoje? — perguntou, assumindo um ar de inquisição.

— Vamos, sim — o professor respondeu surpreso.

— Mas não estamos indo para a sala de aula agora.

— Vamos ter uma aula diferente — disse o professor, saindo pela porta em posição fúgida.

— Que matéria é a sua, mesmo?

— Geografia.

— E o que o senhor vai passar para nós?

— Um filme.

— Qual?

— Muito Além de Rangun.

— Fala sobre o quê?

— Política... Geopolítica do mundo.

— Por que o filme?

O professor estava ficando impaciente com tantas perguntas, que quase deixou derrubar os apetrechos que tinha nas mãos.

— Acho melhor para vocês.

— Ah! Pensei que o senhor não soubesse da matéria — sentenciou o aluno.

$$\int_{-\infty}^{\infty} e^{-x} dx = \sqrt{\pi}$$

$$f(x) = a_0 + \sum_{n=1}^{\infty} \left( \leftarrow \right)$$

$$x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

$$R = \sum_{i=1}^n (x_i - \bar{x})(x_i - \bar{y})$$

# DIREITO!

CAPITULO

# 12

B

- PODE IR PROCURAR  
TEUS DIREITOS!  
O SILENCIO PERMANECE  
NO AMBIENTE.



Adriano chegou à sua turma e iniciou a aula após realizar a chamada. Escreveu no quadro a tarefa que deveria ser cumprida. O grupo era grande, mas Diônatan era quem mais se salientava e conseguia desviar a concentração dos seus colegas para suas bobagens pessoais. Suas pilhérias ficavam em volta do futebol, coisas da rua, programas de televisão, videogames e outras. Além da desatenção, ainda não possuía boa opinião sobre os professores: achava-os pessoas maçantes.

Por outro lado, Adriano priorizava a atenção e a disciplina, e não o conhecimento. Dizia sempre que isso devia ser bem utilizado, era o que importava, sem isso não tinha valor. Pensava que o ensino estoico era básico e necessário para a aprendizagem e que o aluno deveria construir o próprio conhecimento.

Escrevendo no quadro, ouviu uma classe sendo arrastada e notou que era Diônatan. Virou-se para a turma, mirou-o e prosseguiu passando a tarefa. Um gargalhar soou no fundo da sala, observou que era novamente o aluno. Desta vez chamou-lhe a atenção e continuou na sua tarefa de costas para a turma. Uma bolinha de papel amassado bateu-lhe na nuca, parou com o que estava fazendo e dirigiu-se ao aluno:

— Comporte-se direito porque senão eu tomo uma atitude mais séria.

— Profe, por falar em direito, o senhor não pode tomar atitude alguma, nós temos os nossos direitos.

— Quais são, então? — perguntou Adriano, com as faces enrubescidas, no limite da paciência. Diônatan silenciou, porém num ar de deboche. O professor abriu a porta e desabafou:

— Pode ir procurar teus direitos!

O silêncio permaneceu no ambiente.

Sentou-se como um paladino na mesma carteira de sempre, cruzou os braços e assim permaneceu.



# Resiliência

capítulo

nº 13

“Mas o que está pensando essa professora? Pensa que pode me trocar de lugar na sala? Não adianta nada!”. Isto era o que Cleber tinha em sua mente rebelde naquele dia. Impregnado de resistência permanecia inquieto, sentado na carteira. “Ninguém da minha família é tão petulante comigo! Então, por que essa professora? Minha avó, que me educou, não tinha essa afronta”, pensava.

Resolveu assistir à aula até o final. Após, foi mandado à vice-diretora. Esta, no uso de sua autoridade, repetiu a fala da professora. De nada adiantou, Cleber emudeceu. “Não vou, não vou, vou ficar no meu lugar, faço o que eu quero”, dizia para si mesmo.

A vice-diretora, observando que não iria resolver nada, levou o menino novamente até a sua professora na tentativa de uma solução, e também porque não conseguira pensar em outra ideia.

Com uma teimosia incomensurável, Cleber manteve-se firme. Sentou-se como um paladino na mesma carteira de sempre, cruzou os braços e assim permaneceu. “Vou ficar resistente, daqui não saio, daqui ninguém me tira”, dizia, quieto em si. Mas, ao mesmo tempo, matutava uma tática para vencer novamente a professora. Sabendo que não permitiria ir ao banheiro, tempo depois iria solicitar sua ida.

Minutos depois, um grupo de operários chegou à escola para reformar os banheiros.



Existem situações em sala de aula tão inusitadas que o professor não consegue contornar e, se consegue, sempre surgirão outras. Vou lhes contar uma história dessas ocasiões que envolvem professor e aluno.

Num certo dia, em uma escola de Passo Fundo, um certo professor chegou à sala, distribuiu a prova e logo passou à função de fiscal. Seus passos, nesses dias, tornavam-se silenciosos e cuidadosos. Também seu ego elevava-se em dias de prova e o peito esticava-se para frente como se fosse um general. Passos para cá, passos para lá e a turma aquietava-se debruçada na sabatina.

Renata era uma menina bela, de olhos claros reluzentes e uma pessoa muito alegre. Apresentava uma leveza no caminhar e todos diziam que sempre estava de bem com a vida.

Porém, na noite que antecedeu essa aula, não dormira muito bem e atrasara-se de manhã. Enquanto estava penteando os longos cabelos castanhos em frente ao espelho, um relâmpago clareou seus pensamentos: tem prova de História hoje! Não havia estudado o capitalismo comercial, nem o antigo regime e muito menos o mercantilismo. E por quê? Porque a festa estava ótima, voltou tarde para casa e acordou cansada. E ainda por cima tinha de elaborar uma cola, aquele professor pensava que era esperto, mas na verdade era um boquiaberto. Não podia faltar à festa, toda a turma estava lá, pensava ela em todos esses pormenores.

Enfiou as pernas longas e finas numa saia curta bordô e rumou para a escola. Namorada, achava os meninos da escola não muito interessantes, eram uns bobalhões. Inclusive os meninos do bairro e seus vizinhos também. Mas sempre encontrava alguém interessante.

Chegou uns minutos antes, apesar do atraso em casa, e foi procurar Monique para confirmar o conteúdo da prova. Monique era muito sua amiga, dizia que era sua parceira e sentava na sua frente em sala de aula.

Minutos depois, com um belo sorriso no rosto e voz baixa, subornou o coordenador de turno para entrar antes no

saguão de espera. Montou sua cola com um papel minúsculo e letra pequena que mais parecia uma bula de remédio. Pensou em como iria atuar para que o professor não notasse. Onde colocaria o papelzinho de sua salvação? Uma vontade louca de urinar lhe assolou o corpo inteiro. Um medo lhe desceu e arrepiou-se toda. Iria mal na prova, por que não estudara? Mas também não podia perder a festa, havia bebido e dançado muito. Teve uma semana para estudar, revisar a matéria, mas não gostava de História, não lhe interessava o passado. Olhou suas pernas longas, finas, mas torneadas, lisas e macias. Achara-se linda e atraente.

O professor continuava no seu passeio acadêmico e fiscalizador pela sala. “Esses alunos vão reprovar, não tem outro jeito”, pensava, caminhando no seu ritmo. Roberto era recém-formado em História. Porque não abria concurso público, aceitara um emprego provisório na escola privada, próximo de sua casa.

Quando podia, observava os passos da molecada no pátio da escola. Achava interessante a vida estudantil, eram pensamentos pueris de presente e futuro, esquecendo o passado – daí a importância da sua matéria.

Pensava a juventude com liberdade, era solta, bela no seu ser; ou seja, sem compromisso algum.

Novato no colégio, Roberto logo percebera a beleza da jovem Renata. O que mais chamara sua atenção eram os cabelos longos e castanhos, caídos às costas como uma cachoeira. Gostara da soberba e também de sua altivez. Era solteiro, algumas mulheres o atraíam, mas nunca uma jovem assim tinha lhe chamado tanta atenção.

Aproximou-se da carteira de Renata e a menina ajeitou-se na cadeira repentinamente. Isto lhe causou estranheza. Resolveu se dirigir à frente da sala para observar melhor a turma. Notou que a aluna castanha novamente empertigou-se no lugar. Roberto, com postura de militar graduado e assomos de autoridade, sem fazer barulho algum com seus sapatos, deu a volta pela sala. Chegou perto de Renata e esta imediatamente

te fechou suas pernas. O mestre prontamente solicitou que a estudante se levantasse. A menina negou-se a cumprir, mas Roberto repetiu a ordem. Ela pensou em abrir suas pernas para intimidar o professor, porém afastou essa ideia da cabeça.

Em nenhum momento pensou na petulância de colocar as mãos entre as coxas da aluna, mas quando esta se levantou, recolheu o papel criminoso e a prova que caiu no chão.

Lágrimas brotaram dos olhos de Renata.

PERCURRA AS RUAS DA CO  
CARREGANDO NAS SUAS CUSTAS M  
FRACAS UM SACO COM CADERNOS

$$1+1=2$$
$$3+4=7$$

# O VELHO DOS CADERNOS



$$M_p = U(x, y, z, t)$$
$$1 - \frac{1}{a} \frac{1}{c} < -10$$
$$< -2 \Rightarrow 2 \frac{1}{a} \frac{1}{c} > 1 \Rightarrow$$
$$\Rightarrow 8 > \frac{1}{2a} (x)$$



CAP.

# 15



Era um homem calvo, com barbas acinzentadas. Quem o visse pela primeira vez, diria que era um velho sábio. Tinha um ar respeitoso. Era pobre, possuía a roupa amarfanhada, vestia sempre uma camisa de botões marrom e uma calça preta presa por um cinto velho e frouxo. Seus sapatos também eram pretos, mas furados. Não obstante, cabe lembrar ao leitor que a barba branca e o ar de profeta não lhe eram valorizados, não lhe davam crédito algum. Andava pelas ruas da cidade e, na maioria das vezes, nem era observado. Certa vez, caiu na Avenida Brasil e somente depois de horas foi socorrido. Acabou em um albergue e ninguém foi buscá-lo.

Vivia solitário. Nascera num distrito distante, pertencente ao município de Passo Fundo. Seu pai era agricultor e a mãe nunca tivera uma profissão, cuidava dos afazeres domésticos e dos filhos. Mas, conforme o dia em que tinha muito serviço na roça, ajudava o marido.

Era chamado por Pedro dos Santos e tinha cinco irmãos, que tomaram o rumo de Mato Grosso e Goiás nos anos sessenta em busca de terra e vida por aquelas paragens, e nunca mais se teve notícias de suas almas. Pedro era o filho mais novo e merecia muitos cuidados: sofria de uma espécie de reumatismo noturno. Seu velho pai sempre dizia com voz terrífica: esse piá tem as juntas fracas, tem de dormir de croque de noite.

Percorria as ruas da cidade carregando nas suas costas magras e fracas um saco com cadernos velhos, despertando a curiosidade de pessoas com as quais disputava as calçadas. Vez ou outra visitava, quando podia, um velho amigo barbeiro. Ali melhorava sua tez carrancuda, aparando a barba branca acinzentada.

Essa história pode despertar uma crítica, como também antipatia, ou, ainda, assanhar as mentes mais brilhantes. Uma prosa sobre um idoso que carrega os seus anacrônicos cadernos usados na juventude pela vida afora não é muito comum. Num mundo eletrônico, quem se interessa por uma narrativa de alguém que guardou anotações da vida de estu-

dante? Isso pode parecer estranho. Contudo, qualquer frase escrita de um velho ser humano vale a pena, principalmente de uma pessoa e sua luta em valorizar a palavra escrevinhada em tempos de modernidade.

Entremeios à parte, vamos continuar. Nesse dia o seu fardo pesava mais, pois as pessoas eram numerosas e cruzavam à sua frente, batendo nos braços e, vez ou outra, quase derrubando o saco dos cadernos. Sôfrego, chegou ao destino: a velha barbearia do Alberi. Entrou suado, encostou o fardo num canto do salão e pôs-se a sentar. Pediu um copo d'água ao amigo e, enquanto matava a sede, olhou em torno para ver se havia alguém conhecido entre as pessoas presentes. Sendo o seu olhar negativado, tranquilizou-se.

Alberi era um homem que aparentava ter meio século de vida, grisalho, magro, de nariz pontiagudo. Conhecia Pedro desde os tempos de escola. Não conseguindo emprego melhor, resolveu cuidar do ofício de raspar barbas e aparar cabelos. Sendo muito próximos, tinha uma dúvida que o perseguia por duas décadas: por que a criatura carregava os cadernos a vida toda? Como de costume, deixava o amigo relaxar um pouco para depois inquiri-lo:

— Diga uma coisa, Pedro, por que tu levas nas costas os teus cadernos? Isso não vale mais nada — questionou o amigo e resolveu sentar na cadeira de trabalho em frente a um grande espelho, mesmo tendo fregueses esperando.

Pedro devolveu o copo e ajeitou-se na cadeira. Estava acostumado com as perguntas do amigo Alberi. Elas não mais lhe importunavam. Pigarreou um pouco e respondeu:

— É toda minha vida escolar, amigo. Tem muito valor pra mim. Foram cinco anos de estudo, conheci os números e as letras. Resolvi guardar tudo isso.

O barbeiro nunca se convencera das explicações do amigo. Por três anos foram juntos numa escolinha de madeira, onde uma mulher de meia idade lecionava. Faziam travessuras, mas aprenderam algumas coisas que ela ensinava e falava repetidas vezes – copiem tudo! Mas isto era passado, de nada

adiantava guardar aqueles papéis velhos. Sem graça nenhuma. Ainda mais que a professora era leiga, na verdade tinha outra profissão. Faziam os cálculos, traçavam as letras, enfim, realizavam todas as atividades que a professora propunha.

Pedro ficou mais um tempo na barbearia do amigo e, já que não se sentira bem, colocou o fardo no ombro esquerdo e partiu.

Soturno, estava caminhando rente aos trilhos, próximos à estação ferroviária, quando viu vários vultos na curva à frente. Eram três jovens que aparentavam sair de uma festa. Um era alto, magro e de cabelos louros. O do meio era baixo e negro, e o terceiro era ruivo e com nariz alongado. Chegaram perto do velho e lhe fizeram pilhérias de suas roupas. A pobre criatura, por sua vez, recuou rapidamente, quase caindo para trás. Desviou dos jovens incontinenti, pensando: alienados!

Tentou apressar os passos, mas o rapaz louro o perseguiu, falando alto grosserias e insultos:

— Venha cá, velho filho da puta!

— O que tem aí nesse saco? Desgraçado! — gritou o jovem ruivo, caminhando atrás de seu comparsa. O garoto negro paralisou no seu lugar, ficou inerte, imaginando o que ocorreria dali em diante. Angustiado estava por não conseguir conter seus amigos.

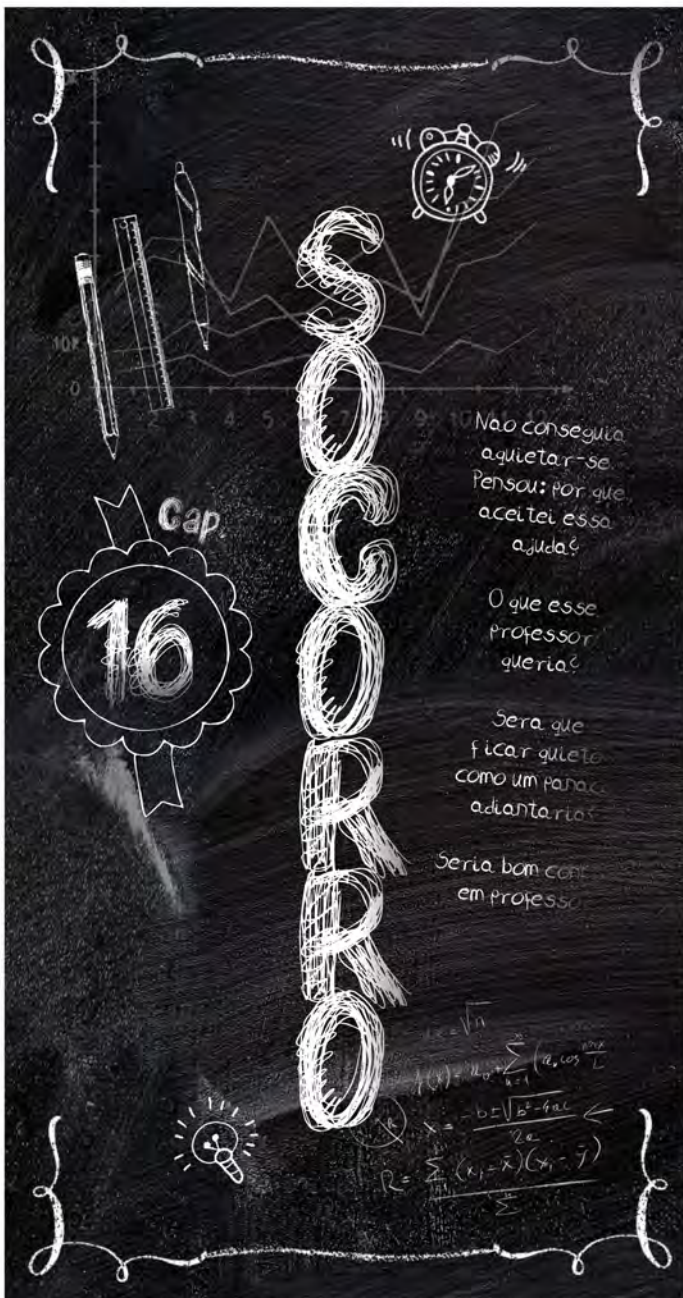
Os rapazes violentos saíram no encalço do velho com o intuito de extravasar algum sentimento contido em si. Agrediram até sangrar a vítima. Apesar dos apelos do jovem negro, não interromperam a travessura violenta. Parecendo estarem num enterro, jogaram o pobre velho numa vala próxima da rua, pois o agredido desmaiara.

O saco que o homem carregava agora era motivo de curiosidade para os três. Já era noitinha quando desataram o nó que o apertava e viram a riqueza da vítima. Eram cadernos velhos cujas capas diziam aritmética, gramática, ciências, artes, caligrafia... Rasgaram todos os cadernos e espalharam as folhas picotadas pelo chão. Enquanto isso, o velho permanecia imoto no chão.

O menino negro, que não estava de acordo com aquela barbaridade, saiu em busca de socorro. Atravessando a região dos trilhos, encontrou Alberi. Este, sem entender o que estava ocorrendo, foi ao local propalado e encontrou seu amigo morto, caído na vala. Ajoelhou ao lado do cadáver e pensou: pobre diabo, sozinho e sonhador.

No outro dia, Pedro foi enterrado como indigente.





SOPRO

Nao conseguia aquietar-se.  
Pensa: por que aceitei essa ajuda?

O que esse professor queria?

Será que ficar quieto como um paraco adianta mais?

Seria bom continuar em professor?



$$f(x) = a_0 + \sum_{k=1}^n (a_k \cos \frac{k\pi x}{L})$$

$$x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

$$R = \frac{\sum_{i=1}^n (x_i - \bar{x})(x_i - \bar{y})}{\sum}$$



Certo dia, enquanto Antônio Carlos trabalhava na burocracia dos cadernos de aula, alguém bateu à sua porta. Era um adolescente de quatorze anos aproximadamente, vestido com estilo próprio, camiseta cavada e bermudão deixando transparecer a cueca. O professor, tendo se demorado um pouco, ouviu uns gritos:

— Professor, professor, abre!

— Calma, já tô indo! — respondeu ele, atarantado, abrindo a porta. Lembrou que isto nunca havia acontecido, por que logo no momento em que precisava trabalhar?

— Professor, por favor, preciso falar com o senhor — ciciou o guri, entrando pela porta, esbaforido, parecendo ter corrido até chegar àquele local. Sentou-se em um sofá na sala assumindo ares respeitosos, apesar de não ter pedido permissão para adentrar.

Antônio empertigou-se, pensou que era o cúmulo. Lá fora o jovem havia gritado, e agora parecia outra pessoa, cheia de gestos. Minutos depois o intruso explicou:

— Desculpa, professor, mas tô com uma parada aí e não consigo resolver. Eu acho que não é um problema, mas vários.

— E daí, piá? — inquiriu o professor, observando que aquilo era o começo de uma história maior.

— É que nós jogamo pedra na polícia e fugimo.

— Nós quem?

— O nosso grupo.

— Ah! — fazendo um som nasal, Antônio começou a olhar nos olhos do adolescente e enxergou seu pavor.

— E você quer que eu te ajude?

— É claro. Daí eu começo a fazê tudo na tua aula.

Ouvindo isso, o professor respirou fundo para não ter um assomo de raiva, meditou um pouco procurando uma solução para a situação. O adolescente, sentado, remexia o corpo transparecendo o seu nervosismo. Minutos depois, com ares de mestre, Antônio aproximou-se ordenando:

— Fica sentado aí, respira profundamente por uma

meia hora. Enquanto isso termino meu serviço.

— O quê? É assim que me ajuda? — berrou o aluno, estranhando a atitude do professor.

— Faça! — sentenciou Antônio Carlos.

Passaram-se dez minutos, o guri não se acomodava e o professor continuava na sua escrivaninha. Os dois, de quando em vez, disfarçadamente, observavam-se.

O menino, à medida que passava o tempo, tinha um aumento de preocupação em sua cabeça. Pensava que o professor estava brincando com ele. Ora, ficar feito estátua? Isso não era ajuda. Vinte minutos após, tossiu e gemeu para chamar atenção. O professor, nada. Fingiu dormir, também nada. Não conseguia aquietar-se. Pensou: por que aceitei essa ajuda? O que esse professor queria? Será que ficar quieto como um panaca adiantaria? Seria bom confiar em professor? Olhou para as paredes e viu que não tinha relógio. Cansado, ajeitou-se no sofá. Mas um pensamento caiu-lhe como calmante: se o professor mandou esperar é porque sabia que em meia hora a polícia teria desistido. Era isso! Estava salvo. E já devia ter passado o tempo.

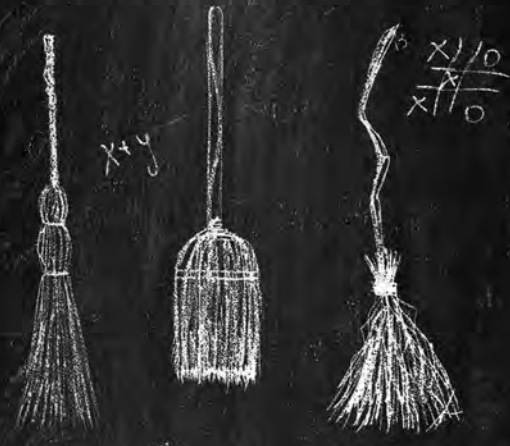
— O senhor é muito esperto, é massa! — despediu-se e saiu, enfim.



$M^p = U(x, y, z) - U_1$   
 $7 - 2a$   
 $2 \Rightarrow 2a$   
 $\Rightarrow 2 > \frac{2}{24}$   
 $7 - 9a < \frac{2}{24}$   
 $(h) > 7, 11, \dots$   
 $M^p = U(x, y, z) - U_1$   
 $7 - 9a = \frac{2}{24} - 9a$   
 $< 2 \Rightarrow 2a > \frac{2}{24} \Rightarrow \frac{2}{24} > \frac{2}{24}$   
 $\Rightarrow 2 > \frac{2}{24}$   
 $u(7, 0) = u(1, 0) \text{ ou } x = 7$

# 17

## O MESTRE DAS VASSOURAS



... sentado numa cadeira de palha no pátio ao lado aparava a madeira com uma adaga. Um cachorro magro e preto que tinha com a chegada dos visitantes, um bem-te-vi cantou numa de árvore e o correio continuou no seu balanço das o lugar era de uma intensa paz e modorra.



A  $2+2=4$



Caminhavam por um bosque, abrigando-se do sol luzido, por entre as árvores, cinco professores: o de ciências, o de história, o de geografia, o de matemática e o diretor da escola. Este último guiava-os para uma palestra com um mestre.

Ora, caro leitor, as razões eram as de todas as escolas: os alunos não querem aprender, violência estudantil, falta de verbas, professores desmotivados e por aí vai. A escola queixava-se constantemente, chamavam os pais, buscavam cursos e palestras. E a solução não vinha.

A jornada estava longa até a resolução iluminada; e a casa do mestre parecia distante ainda. Principiaram a descida até um vale, gramíneas cobriam o solo. O dia estava muito quente. Encaminhava-se para o meio-dia e o cansaço abatia as pernas dos educadores.

Chegando próximo a um córrego, uma choupana anunciava a presença de alguma alma. Um velho sentado numa cadeira de palha no pátio ao lado aparava um cabo de madeira com uma adaga. Um cachorro magro e preto latiu a sua fome com a chegada dos visitantes, um bem-te-vi cantou num galho de árvore e o córrego continuou no seu balanço das águas. O lugar era de uma intensa paz e modorra.

O diretor (como sempre fazia) tomou a dianteira anunciando-se e apresentou seus professores ao velho, que prontamente trouxe cadeiras para todos. Sentaram-se no pátio ao lado da casa. O velho, por sua vez, continuou a lida dos seus afazeres, comportando-se como se estivesse sozinho. Os professores ficaram inquietos, olharam para o diretor, e este, disfarçado, iniciou uma prosa:

— O dia está quente, né?

Mas nenhuma resposta saiu da boca do mestre.

— O que o senhor está fazendo? — insistiu o diretor.

— Cabos de vassoura — respondeu dessa vez o velho, mas com grandes sinais de indiferença.

— O senhor as vende?

— Não — disse o velho, sem erguer os olhos daquilo que estava fazendo.

O silêncio voltou com toda força, era como se o anfitrião estivesse solitário, mergulhado num vazio. Os professores ficavam cada vez mais apreensivos, não entendendo o que estava se passando. Longos minutos transcorreram e, por fim, o diretor voltou a abordar:

— Viemos aqui em busca de ajuda.

— O que houve? — agora o mestre dirigiu o olhar para o diretor.

— A nossa escola está com problemas.

— Uma escola tem de ter vida, e não problemas. Os jovens vão lá em busca de soluções.

Após a resposta, o diretor abriu um sorriso envergonhado, porém endireitou-se na cadeira. A partir daí pensou que iria aprender alguma coisa e uma estreita ligação com o velho mestre poderia acontecer. Entretanto, o marasmo voltou.

— Como é uma escola com vida para o senhor? — o diretor, com isso, resolveu voltar à carga.

— Você que é diretor não sabe? Como dirige a escola, então?

Dizendo isto, o velho pôs seus olhos firmes e profundos sobre ele, que, não resistindo, enrubescou as faces e baixou o olhar.

— Os problemas de vocês parecem ser dois: a política e o conhecimento.

— Como assim? Estas duas coisas são a vida na nossa escola, sem elas morreríamos.

— Pois bem, vocês estão mortos e não sabem. A política e o conhecimento que vocês passam não servem para nada. A política começa a ser ensinada em casa, quando os pais montam táticas para não perder o controle dos filhos. Na escola, inconscientemente, os professores querem controlar turmas inteiras com notas e provas, que tiram a liberdade de pensamento e a liberdade do ser dos jovens. E qual a utilidade do conhecimento que vocês ensinam? Vocês ensinam o quê? O que é esse currículo que vocês tanto planejam? Geografia, história, português, matemática, ciências? Para que serve tudo

isso? À medida que os alunos obtêm esses conhecimentos, ficam mais infelizes e agressivos; já notaram isso? Vocês estão mortos e matam seus alunos. Suas mentes estão aprisionadas numa política incorreta e por estes conhecimentos. Sendo o ensinador preso ou morto, também prende e mata seu aluno. Essa política é apenas para ter o poder, não é democrática, e o conhecimento tem os mesmos erros. Quando o trabalho escolar é direcionado por uma mente do poder, o conhecimento passa a ter o mesmo objetivo. Quando o conhecimento é construído por um pensamento aprisionado, florescerá o quê?

Com o rosto escarlate, o professor de geografia, não se contendo, interpelou:

— Mas o mundo, hoje, está globalizado, e com as matérias de geografia e história o aluno poderá entender tudo isso!

— Esse conhecimento de que você fala é social e político, daí a sua importância — continuou o velho mestre, que não tirava as mãos do trabalho enquanto falava. — O teu aluno só entende como se move a sociedade, o que ela faz, em que condições trabalha. Mas pergunto: e o que os alunos estão fazendo, como participam da sociedade, como estudam e trabalham? Conhecimento político e econômico, só assim o jovem tornar-se-á um homem consciente. Compreenderá como existem as mesquinhas e corrupções. O conhecimento demonstra os mecanismos que coordenam o sistema. Português, ciências e matemática também ensinam e contribuem para o conhecimento; as letras e números ajudam na aprendizagem político-econômica... Só assim o aluno aprenderá a ser, e não a ter. O que a escola ensina só constrói seres humanos mecânicos, e vocês falaram em mundo globalizado, todavia sempre foi assim. A história conta coisas de guerras e construção de fronteiras, tirando a globalização, que já existia, comunidades que eram verdadeiras nações, sem individualismos, invasões, nem impérios. O conhecimento histórico esclarece tudo isso. Porém tem de ser trabalhado com uma boa metodologia. E vocês já pararam para pensar o que o aluno acha de tudo isso?

Ele pode pensar que sempre foi assim e sempre será. E a geografia, somente com seus mapas, sempre contribuiu para que uma grande nação invadisse uma pequena, o conhecimento do território do inimigo era primordial na estratégia militar. Escutem bem: o importante não é ter conhecimento, e sim saber utilizá-lo. Conhecimento sem prática é só teoria, e teoria vazia gera muitas ideologias, e tudo vira política, mas uma política voltada somente para o poder, e esse poder, só para alguns. E desse jeito, o que ensinam só pode construir jovens agressivos, desinteressados.

O velho mestre terminou o seu discurso, apanhou uma porção de palhas e com um arame amarrou habilmente ao cabo de madeira, construindo uma vassoura. O diretor observou sua destreza e, após breve silêncio, inquiriu:

— O que nós podemos fazer, então?

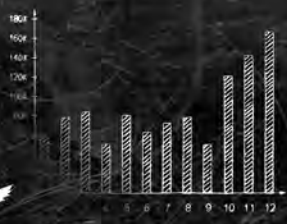
— Limpem seus planos pedagógicos. Se precisarem, eu tenho vassouras.



- PROFESSOR, O SENHOR TEM PARTIDO POLITICO?  
- NAO.

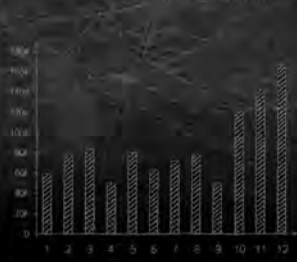
	01	02	03	04
21653	25611	3825	8251	
34319	29428	5435	8929	
33367	27485	7652	14775	
16497	19394	3158	11586	
20903	38633	5415	15451	
12769	25130	7625	17118	
16085	27805	5476	22948	
13922	33493	5625	24475	
11855	15904	3615	19253	
27757	41815	10825	39713	
30276	43127	8329	60559	
37411	61974	13546	64093	

CAP  
18



SE  
APOLITICO

	01	02	03	04
21653	25611	3825	8251	
34319	29428	5435	8929	
33367	27485	7652	14775	
16497	19394	3158	11586	
20903	38633	5415	15451	
12769	25130	7625	17118	
16085	27805	5476	22948	
13922	33493	5625	24475	
11855	15904	3615	19253	
27757	41815	10825	39713	
30276	43127	8329	60559	
37411	61974	13546	64093	



0 SENHOR N  
AO VOTA?  
- NAO.  
- MAS

— Professor, o senhor tem partido político?

— Não.

— O senhor não vota?

— Não.

— Mas...

— Vou à urna, mas não escolho.

— Pode?

— Sim.

— Mas todo mundo vota, professor!

— Menos eu.

— Mas o senhor não participa?

— Sim, por que não? A minha participação é totalmente livre desse jeito, sem imposição social. É participação verdadeira.

— Professor, então o que é política para o senhor?

— É poder.

— Como assim...?

— Falácia para escravizar a outra pessoa.

— Por isso o senhor não vota?

— Sim.

— Mas o senhor não se torna, então, um escravo não participando?

— Não. Não dependo dos políticos para viver.

— Mas eles fazem as leis, governam, recolhem impostos, controlam tudo.

— As verdadeiras leis não vêm do homem, vêm da natureza. Ninguém é digno ao fazer leis para os outros cumprirem. Isso só é ter poder, só governo.

— Mas professor, os seus colegas vivem dizendo que o ser humano é intimamente político e social.

— Essa opinião deles é emprestada, na verdade, de certos teóricos fajutos.

Falando isso, pensou: essa urna tagarela está com muito “mas”, vou ter de calar a boca dessa linguaruda.

— Mas e para o senhor?

— Somos livres e individuais.

— Explique, por favor.

O professor não se continha mais com tantas perguntas e indagações da urna falante. Ao mesmo tempo em que pensava numa solução, respondeu:

— Uma vez uma pessoa fez a mesma pergunta para Sócrates de Atenas e ele pediu para a mesma procurar dentro de si.

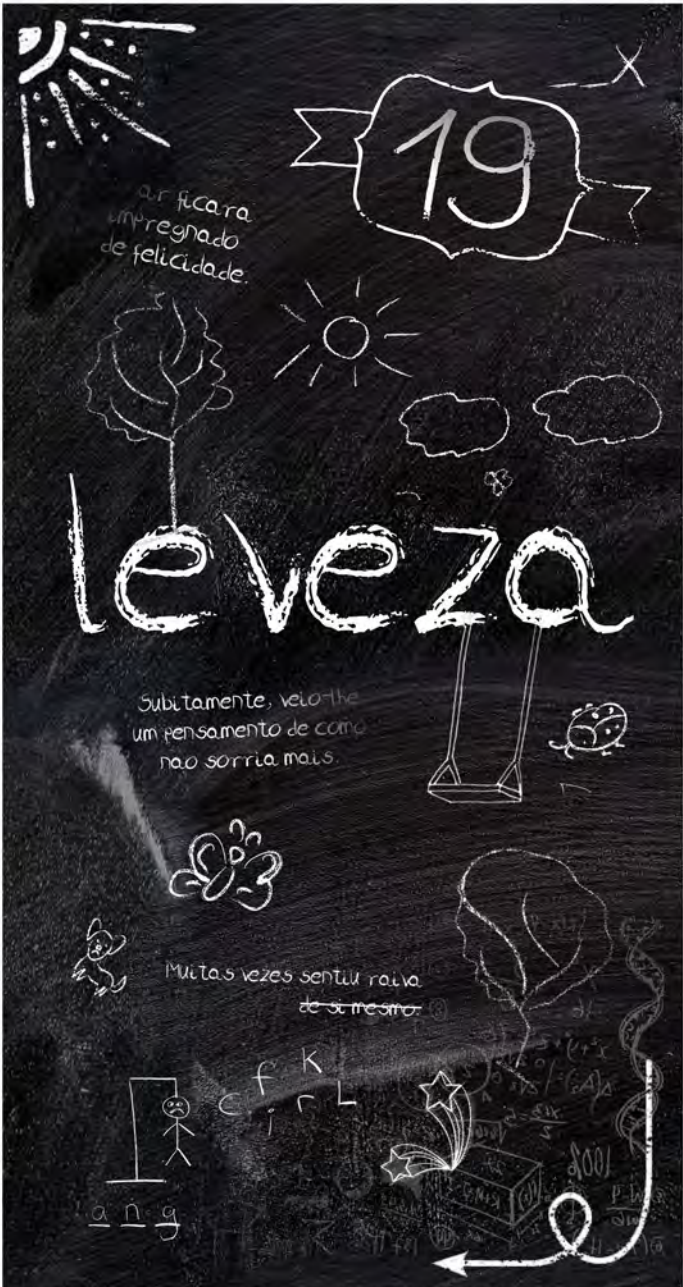
— Não entendi.

— Somos seres com capacidade de autoconhecimento.

— Acho o senhor muito contraditório.

Ouvindo isso, o professor pediu para o mesário uma fita crepe e rapidamente tapou a boca da urna. Encolerizado, saiu porta afora, deixando a sala de votação.





19

ou ficara impregnado de felicidade.

leveza

Subitamente, veio-lhe um pensamento de como nao sorria mais.



Muitas vezes senti raiva de si mesmo.



e f k l i r L



William era um menino bem apresentável, tinha cabelos louros lisos e bem distribuídos na cabeça. Seus olhos eram espertos e bem atentos, além de apresentarem-se de um azul de oceano límpido. E também mirava profundamente as pessoas. Tinha sete anos bem vividos, diga-se de passagem. Foi para a escola sem realizar o período pré-escolar. Seus pais, nessa época, pensaram que era inteligente para ficar se atrasando para aprender. Tinham pressa. Era um menino ativo e impertinente: jogava futebol diariamente e sabia de tudo e de todos. Além disso, fazia perguntas interrogativas deveras para os adultos.

Naquele sábado, após um colóquio com um professor de sua escola, saiu da sala e encontrou dois colegas: Eduardo e Daniel. Resolveram brincar na pracinha em frente. Por instantes ficaram correndo entre os brinquedos e, após, foram para os balanços. Foram os três para o mesmo, um no colo do outro, que em certo momento caíram no chão de areia, soltando altas gargalhadas, preenchendo todo aquele espaço de intensa alegria. O ar ficara impregnado de felicidade.

Um professor estava pronto para retornar à sua casa. Desistiu quando enxergou os três guris na pracinha. Ficou ali observando, distraíndo-se ao mesmo tempo. Por sinal, pensou, professor também tem esse direito. Esquecera-se de ir embora e resolveu sentar-se em um banco próximo. Quando os três sentaram no balanço, veio-lhe uma breve preocupação, mas de súbito deixou passar, confirmando o desejo de distração. Meninos ao chão e o professor, não se contentando, aproveitou aquele deleite e ficou preenchido com a alma satisfeita.

Lembranças lhe vieram de quando também era criança e brincava com amigos nas chácaras do Boqueirão, a oeste de Passo Fundo. Não gostava de caçar passarinho, tinha pena dos bichinhos, mas ia junto quando brincavam de mocinho e bandido. Assim, podia esconder-se por entre os arbustos. “Tempos bons aqueles”, pensou, largando um pequeno sorriso.

Subitamente, veio-lhe um pensamento de como não sorria mais. Estava sempre acabrunhado, sério e franzino,

preocupado com a escola e com os estudantes. Teve épocas em que era um peso entrar em sala de aula, já imaginando a bagunça que haviam preparado para aquele dia. Haveria de despende um esforço hercúleo para controlar a turma. Ficaria sempre na corda bamba, pensava e não achava resposta. Sobrava o descontrole emocional. Aquilo não era vida, era, sim, um absurdo.

Agora, parecia-lhe que tinha vencido a má fase, conseguira acalmar-se. Porém, vez ou outra, voltava o descontentamento e a desesperança. Buscava consolo em colegas de trabalho, mas observava que passavam por dilema semelhante. Em vez de desabafar, aliviar, adquiria mais angústia e desilusão. Mas também, como resolver seus problemas em um ambiente daqueles? O que ele esperava? Muitas vezes sentiu raiva de si mesmo. Elaborara uma hipótese: a escola era o último lugar do mundo para se buscar consolo para as tristezas de um ensinador.

Que nada, agora parecia que estava no paraíso vendo crianças leves e alegres brincando na pracinha da escola. Fixou os olhos em William, era um exemplo de satisfação. Os outros guris também. Não havia mais preocupação. Espichou as pernas, acomodou-se melhor no banco, as risadas pueris tornaram-se mais nítidas e o corpo parecia flutuar. Bocejou e resolveu ir para casa.



## *Contos esparsos*

Ficaram todos esparsos. Soltos em algum lugar dentro de mim.

Talvez eu os tenha maltratado, ou não tenha conseguido dar o brilho que mereciam.

Deveras, há uma grande dificuldade em escrever algumas linhas sobre educação, escola, estudante e educador. Porque tudo isso merece uma tinta reluzente.

Penso que o real motivo foi, com uma obra inicial, tentar escrever algo opulento. Mas, na verdade, saiu um opúsculo. Coisa sem grande extensão a percorrer.

Não fico triste com as histórias voláteis. Elas respiram liberdade, entram na luta para sobreviver. São inteligentes, procuram alguém que as mostre, que lhes conte.

Agora, devem estar percorrendo algum campo. Rolando na grama sobre o orvalho. Cheirando o perfume das flores, tomando sol, sentindo o sopro da rosa dos ventos.



Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



## *andré rossi canals*

é professor com especialização no Ensino da Geografia pela Universidade de Passo Fundo – RS. Leciona Geografia e História na Escola Municipal Antonino Xavier e na Escola Estadual Mario Quintana, em Passo Fundo. É militante político e sindical e atualmente é membro da diretoria do 7º Núcleo do CPERS/Sindicato. Leitor assíduo de assuntos políticos, econômicos, educacionais, marxistas, da Geografia e da literatura brasileira e estrangeira, lança sua primeira obra com muita gana para escrever mais. E ainda promete:

*vem mais por aí.*



*Contato: [andrecanals@hotmail.com](mailto:andrecanals@hotmail.com)*

---

**N**a verdade estes contos esparsos são histórias baseadas em memórias de estudos e trabalhos na escola. Impressões da triste realidade em que vivem a juventude e o professor. (...) Uma coisa é certa: não tive a pretensão de que estes contos breves chegassem próximos do nível dos *Contos Plausíveis*, de Carlos Drummond. Ainda assim, liberto estes escritos aos leitores, principalmente àqueles que defendem a escola e, sobretudo, a alma de ser estudante e aprendente.

---



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



  
Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura



978-85-8326-144-5